

v. 1, n. 6, 2026

POETIZAR

REVISTA DE CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS





Caro leitor,

É com grande alegria que apresentamos mais uma edição da *Revista Poetizar*. Mais uma vez, abrimos este espaço para que a literatura encontre abrigo nas palavras, nos sentimentos e nas múltiplas formas de expressão que compõem a experiência humana. Esperamos que esta edição possa sensibilizar, provocar pensamentos, despertar emoções e, sobretudo, fortalecer o encontro entre autores e leitores por meio da arte da escrita.

“Ler é sonhar pela mão de outrem.” — Fernando Pessoa.

SOBRE A REVISTA

A Revista Poetizar é uma publicação eletrônica organizada por estudantes de graduação da Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus como projeto de extensão que abre espaço para a publicação de contos, crônicas e poesias escritas pelo público. Crie sua arte e venha Poetizar com a gente!

EQUIPE EDITORIAL

Prof. Dr. Ailton Pereira Morila

Maria Eduarda Machado de Almeida

NOSSO CONTATO

E-mail: revistapoetizar@gmail.com

Instagram: [@revistapoetizar](https://www.instagram.com/revistapoetizar)

SUMÁRIO

CONTOS

- Rezas | Maria Clara Santiago 5
- A vida pós-Gaia | Davi Amorim de Andrade 11
- O Garoto de Plástico | Matheus Oliveira Ponte Gonçalves 23
- Quando Jesus Nasce no Sertão | Enver Sampaio 25
- Irmãzinhas | Daniel Pucú 27
- Um Velho na chuva | Raul Maschieto 41

CRÔNICAS

- A forja da existência | Keyth Martins 46
- Pais trabalhadores não criam filhos para o vento | Fellipe de Assis Zaremba 49
- A Arquitetura Invisível do Amanhã | Keyth Martins 55
- Flores? | Érica Dallacort Marcante 57
- A FOME QUE ME FEZ GAVIÃO | Willian Jhonis Antunes Melo 59
- Nego | Samuel Moraes 73

POESIAS

- Câmera Antiga | Caio Ayres Frederich 78
- ALANA ROSA | Rafaela Thais Gomes Teixeira 79
- O Suspiro da Natureza | Jefferson Oliveira de Paula 82
- Antinomia | Enver Sampaio 83
- A Minha Pele é Ribeirinha | Gabrielli Antonucci 84
- A lâmina e o tempo | Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli 85



CONTOS

Rezas | Maria Clara Santiago

Sob um azul e brilhante céu, no coração de uma cidade interiorana rodeada por florestas, a alegria era o motor que fazia o coração da garota de singeleza invejável pulsar. Cabelos belos, compridos, amarrados com uma fita vermelha de cetim e uma singela lembrança de caracóis, em seu balançar com o sopro sereno do vento. Seus olhos negros e encantadores transmitiam a alegria que sobrepujava e latejava no coração da jovem menina. A família acompanhava seu ritmo num descompasso traduzido em uma harmônica melodia que ressoava até a alma, num esboço de fé. Mesmo pequenina, já se viam traços de uma crença irrefutável e firme, transcendental, mas concreta que dela nasceria. Tão jovem, mas tão sedenta da atenção e das carícias da suprema divindade. Ansiava pelo eterno contentamento da fonte que jorra amor incondicional. A fonte da água que com apenas uma gota é capaz de saciar toda a humanidade, ou talvez milhões de infinitas e incontáveis gerações humanas.

Ventos fortes de sobrecarga lutavam contra a suave brisa de tranquilidade e esperança que rodeavam a garotinha. Naquele lugar, o povo enfrentava a constante tentação de viver aflições e maquiá-las com sorrisos; passos tensos que desejavam ser despreocupados e um constante desejo de parar o tique-taque do relógio. Ora, as 24 horas para essa gente grande, eram como segundos ou, em algumas ocasiões, até mesmo inúteis. Todo o tempo que possuíam era gasto com preocupações, necessidades, aflições e o medo do porvir.

A garota dos olhos brilhantes, porém, destacava-se pelo empenho em conservar o sentimento ardente da fé e o desejo de aprender com os anciãos como conquistar a maturidade no estado de espírito mais íntimo

e profundo do ser. Via naquele povo uma fé como casinhas de papel, a qual, com qualquer assopro, se derruba. E dentro da garota afluíavam questionamentos. Qual era a razão daquele povo viver de maneira superficial, se a vida pode ser rodeada de deleites e delícias? Em que se fundava a fé deles? De onde era oriunda a esperança dos anciãos? A vó Neca dizia à garota, enquanto balançava-se na rede, que cresceu vendo sua mãe com um brilho e uma alegria inexplicável quando terminava as rezas todas as seis horas da tarde, quando o sino da igreja tocava e só se ouviam sussurros de ave Maria. Contemplando tamanho contentamento, a vó Neca queria também sentir essa alegria e decidiu-se por seguir os passos da mãe. Com ela, aprendeu suas primeiras orações, às vezes um pouco desajeitadas, mas lembrava-se todos os dias do conselho de que o importante mesmo é rezar com o coração, pois Deus há de ver o amor e a dedicação, e assim, jamais deixaria de ouvi-la.

O avô Juca acariciava gentilmente a face da garota enquanto a mais nova questionava-lhe de onde tal firmeza e indubitabilidade no que acreditava era oriunda. O avô, num tom anedótico, revelou à neta a existência de um segredo magistral para alcançar tal conquista preciosa. Dizia também que quando era criança, seu pai revelou-lhe que a oração era uma conversa com Deus e que ele escutava com muito amor o que os pequeninos também lhe contavam. “Deus no céu coloca os anjos na Terra para ajudar a gente, minha filha. Se precisar de ajuda, chame-os sempre”, dizia o avô.

Seu Juca, homem muito sábio, sempre advertia a neta que, de fato, há uma importância sublime quanto ao conhecimento do mundo, mas também, é inegável que a possibilidade de explorar e desvendar os

milhares de universos e galáxias que existem no mais intrínseco do ser, é indescritível. Passear pelos bosques floridos do coração, e com a companhia de uma borboleta que por ali sobrevoa, conhecer o mais denso e belo riacho das memórias que habitam na mente.

Independentemente da idade, nunca é tarde para redescobrir-se, ou melhor, adentrar na profunda e desafiadora aventura do descobrir-se. Descobrir a si, sem limitações, sem moldes de outrem...Enfim, descobrir-se. Estar disposto a vivenciar a constante metamorfose que existe nas entrelinhas do viver. Descobrir a beleza da vida, os elementos que compõem o sentir de sua alma tão doce e leve. Entender a infinitude que há na contemplação do próprio ser, tão finito... Quanta beleza há na própria existência. Quanta sabedoria há nesse ensinamento do vô Juca.

E os ponteiros do relógio tiquetaquearam. A garota acompanhou o fluxo, cresceu. Mas cresceu sempre recordando-se da recomendação do avô, além do segredo que era preciso desvendar para alcançar a plenitude da fé. Já não podia mais questionar o ancião, pois este já havia cumprido sua missão na Terra e fora ajudar aos amigos anjos em outra esfera, mas a garotinha que acabara de desabrochar em uma bela rósea flor, tornara-se mulher, continuava a refletir e a tentar descobrir o que era necessário para alcançar uma fé como a da vó Neca e do vô Juca, os quais ela sempre observara carinhosamente.

E os questionamentos continuavam a germinar no peito, como girassóis no verão, azaleias no outono, ou como aquelas pequenas florezinhas que resistem às noites gélidas e dolorosas do inverno, e após tudo isso, desabrocham extraordinariamente. Flores, elas nos ensinam

muito. É invejável como persistem e em um gesto de força e exuberância, delineiam-se elegantemente e com tamanha formosura.

Tais pensamentos deram espaço para reflexões tão profundas quanto o vasto mar. E a garotinha, agora mulher, ao avistar o céu estrelado e tão belo em meio ao seu dia a dia, agora numa fase madura e permeada de preocupações, concluía que a vida vai muito além das percepções externas. Acontece que a vida vem de dentro. O mistério do viver reside aí. É preciso alcançar a docilidade e a ternura para contemplar o mundo e o espetáculo que a natureza, obra tão bem elaborada e perfeita, nos presenteia diariamente, incansavelmente. Fazer essa vida transbordar, contagiar. É preciso contemplar o mundo, não com os olhos da face, mas sim com os olhos do coração, ou além... com os olhos da alma. É preciso apreciar as almas doces que vagueiam nesse mundo com um ar de serenidade. Cativá-las! É preciso fazer-se simples para ver a beleza nos pequenos detalhes. Dobrar-se e tornar-se pequeno para assim ter revelado diante de si, o segredo da fé.

Ah! O segredo que há muito era desejado desvendar. E assim ela rememorava os ensinamentos do vô Juca, com sua pedagogia tão simples, mas tão rica, e as explicações sobre o verdadeiro sentido da fé. “Minha filha, por que as formiguinhas se doam tanto umas pelas outras?”, perguntava o avô. E a menina refletia... Fé. Palavra tão pequenina quanto o rastro das formiguinhas que lutam para buscar folhas e alimentar as outras companheiras no seu formigueiro. É verdade! Quanta fidelidade e amor existe em um formigueiro, não é mesmo? Cortar folhas, carregá-las, transportá-las...Ufa! Parece ser um ofício tão cansativo. Mas por quê? Na atitude das formiguinhas, talvez inconscientemente, reside uma oração. E

com isso, o avô deixava uma inesquecível lição: uma oração pode ser feita até mesmo através dos atos e é ela quem sustenta e enriquece uma comunidade. “Minha filha, nenhuma formiguinha pode soltar a mão da outra. Estão apoiadas umas nas outras, e todas em um só”, concluía o avô.

Mas, indo um pouco além, vejamos... Como é bonito dizer que pelo outro, você se dedicará, por meio da oração! Apenas pelo fato de estar determinado a fazer isso, já se configura ali uma prece. Guardar um coração contrito e devoto a alguém e demonstrar isso com orações também na prática, é sublime. Ora, dentro da oração, reside a ação. É preferível então gritar or(ações) verdadeiras, que saiam do campo do pedido, e se tornem testemunho vivo. Por que não gritamos assim nossos amores, nossas dores? Alguns acham que as Rezas não passam do campo espiritual, mas é aí que se enganam. Nada mais frutuoso do que uma súplica escutada e realizada pelo criador.

Lembrava-se também da dona Neca, e as histórias que esta contava sobre sua tão querida e saudosa avó, que já partira. Ela levava-a para a igreja aos domingos de manhã bem cedinho, ao tocar o sino. Recordava-se também de como ela dizia ser difícil tomar banho frio tão cedo, mas logo narrava a experiência de se aquecer e encontrar conforto no colo da tão amada avó. Uma senhora que só sabia amar, e em cada gesto seu, morava uma cantiga antiga de louvores ao criador. Esse acordar acompanhado de benditos, glórias, louvores e santos, recheavam e à vida da vó Neca, davam sabor. “Como seria bom se o povo que hoje se preocupa tanto com coisas passageiras, se apegasse ao que realmente importa...”, lembrava a moça dos pensamentos e anseios da anciã.

E após tanto pensar, tanto refletir, a menina-mulher percebeu que havia desfolhado o mal-me-quer que há no mundo, com muita coragem e em imensos devaneios e profundos pensamentos desde sua infância. E não, aquilo não era uma utopia como achavam as outras pessoas. Aquilo era, na verdade, a maior riqueza que o avô Juca e a vó Neca haviam deixado. A maior herança é poder ao passar dos dias, redescobrir o verdadeiro significado da fé, seguindo o legado dos mais velhos. Eis então o mistério sublime! E o desejo de ser tão pequenina quanto uma formiguinha em uma geração de gigantes que querem oprimir, não parece uma má opção. O desejo de ser como uma pequena formiga que passa despercebida, mas que cumpre sua missão com maestria e ainda deixa nesse mundo inspiração, como fizeram seus avós, eis a maior lição. O maior objetivo. Ser como uma pequena borboleta e fazer de si a melhor companhia que alguém pode ter na jornada da vida, em meio a tantos pesares. Jornada esta que pode ser dolorosa? De fato. Mas é aí que reside o verdadeiro sentido...Florescer. Em meio ao caos que assola o mundo, florescer. Ser o diferencial, como a água que sacia, como formiguinhas que ajudam e sustentam suas semelhantes, como as flores que à vida dão um cheiro agradável. Florescer. Flore(ser) em todas as rezas, glórias, suspiros, santos, benditos, venerações e sussurros de ave-maria nas horas santas, até que chegue o momento oportuno de comemorar a luz do novo dia que há de raiar.

A vida pós-Gaia | Davi Amorim de Andrade

“Dessa maneira, para os físicos, o acaso natural aparece consubstancialmente diferente do retrato que os matemáticos fazem dele. Realmente, existe na natureza um princípio fundamental de independência e de igual probabilidade à priori [...] Alguns propõe chamar esse princípio organizador de “Deus”. À primeira vista, que importância tem o nome, contanto que saibamos o que designamos com ele?”, Rémy Lestienne, O Acaso Criador.

Em 2027, um matemático israelense apoiador do governo Benjamin Netanyahu registrou aquela que seria a patente mais controversa da história. Inspirado no plano israelense para o governo de Gaza, ele criou o panóptico ômega: um algoritmo de vigilância que, a partir de muitos cálculos envolvendo matrizes em inteligência artificial, gerava a probabilidade de, vigiados por uma única pessoa, todos os seus contatos se comportassem de acordo com um interesse em comum, vigiados por esse único ente hiperconectado.

Ainda em 2027, um grupo formado por jornalistas satíricos e chargistas fizeram um lançamento coordenado de material satírico onde o presidente dos Estados Unidos Donald Trump era assassinado por um guarda-costas. O objetivo do grupo era treinar os algoritmos das redes sociais americanas para que algum segurança real do presidente, por puro acaso, visse as postagens e considerasse a si mesmo como o cumpridor de um destino ao cometer de fato o assassinato.

O grupo de chargistas, no entanto, não havia cometido nenhum crime e não havia nem mesmo pelo que ser julgado, pois o conteúdo

jornalístico satírico estava de acordo com a primeira emenda americana, considerada sagrada para democratas e republicanos quase em uníssono. O que tornou tudo isso possível foi o panóptico ômega, pois os chargistas tinham perfis hiperconectados nas redes sociais com o controle de milhões de seres humanos.

Ainda assim, voltar atrás para uma era pré-panóptico era impossível, pois traria consequências ainda mais imprevisíveis e catastróficas. No novo mundo que se seguiu, Darwin havia superado Rousseau como princípio civilizatório e a nova regra era a luta fatal pela sobrevivência no meio social. Dez anos depois, em 2037, a exceção que restava era Judite.

Judite começava mais um ano de trabalho. Seguindo um protocolo com menos de dez reagentes, ela podia fazer qualquer modificação genética numa pessoa que pagasse. A terapia gênica havia avançado bastante e fazer insertos de material genético de outros seres em pessoas era feito sem restrição alguma. Viver mais, ser mais forte, mudar a aparência física ou até se tornar uma verdadeira quimera com o animal favorito eram os principais produtos no catálogo. Judite, como especialista no assunto, cobrava o preço que valia sua mão de obra especializada numa economia predatória e sem misericórdia.

Ela receberia exatos mil reais para realizar um trabalho simples: fazer um homem de quarenta anos desenvolver uma cauda felina. Bom, os humanos têm silenciado os genes que fazem surgir a cauda no embrião, bastava modificar células tronco e enxertá-las no tecido ósseo das vértebras posteriores para fazer a cauda crescer. O resto era cosmético:

cor, comprimento e padrão de cores dos pelos. Ela achava o desejo do homem vexatório e lastimável, mas estava sendo paga para isso.

O mecanismo usado por ela era elegante: ao modificar o gene que regulava o silenciamento da cauda, ela produziria uma cópia que gerava um RNA dupla fita. Um RNA dupla fita só é encontrado naturalmente em vírus, então o gene modificado causaria uma resposta das células, silenciando também o gene normal. Ao silenciar o silenciador, ela teria um humano adulto com cauda: simples! Aquilo era o tipo de coisa que biólogos aprendiam na graduação e não era um desafio para Judite. Ela, apesar de modificar pessoas diariamente, não tinha nenhuma modificação em si mesma, tampouco estava preocupada com engajamento ou presença digital. Ela era proletária e mantinha sua liberdade a partir da venda da sua mão de obra. No mundo pós-Gaia, manter-se humano era possível apenas pelo dinheiro.

Mas você não vai fazer modificações em si mesma? Era o que perguntavam seus colegas. Na verdade ela queria fazer, sim, uma modificação em si, o enxerto de cloroplastos nas células da pele junto com os genes controladores. O maior desafio era manter o fígado e os rins saudáveis mesmo com os resíduos metabólitos da fotossíntese no sangue. Ela ainda estudava o assunto: envolvia métodos elaborados de ecologia e bioquímica usados no cultivo de plantas. Esse tipo de modificação era reservado aos mais ricos entre os ricos. O dinheiro podia pagar qualquer coisa e ela tinha expertise para fazer qualquer modificação genética desde que entendesse os princípios.

A vida de Judite era trabalho, estudo e zero interesse em redes sociais; ela era mesmo a exceção. Judite recebia, além do pagamento,

parte dos royalties de engajamento nas redes sociais dos clientes, cerca de 2%.

Está entregue! disse ela, passando para o técnico do laboratório um tubo com cerca de um ml de líquido com células transformadas via CRISPR, um método capaz de realizar modificações genéticas de forma segura e conveniente.

Não acredito que você não queira fazer modificações em si mesma, disse Edgar, ou Edy, um técnico, com pele de tubarão, escamas que davam hidrodinâmica ao portador, para quem a natação era apenas hobby. Os dentes afiados e a boca larga eram apenas cosméticos. Seu trabalho era crescer o tecido modificado e enxertá-lo no cliente. Quando eu fizer, disse Judite, *não vou precisar mais trabalhar aqui, nem em nenhum outro lugar.*

Tome cuidado para nenhum ecólogo escutar o que você disse, retrucou o técnico, virando-se. Ao voltar para casa, Judite viu seus móveis em lugares diferentes do que ela havia deixado; seus escritos em papel e livros físicos estavam sobre a mesa e não guardados como sempre. Aquilo parecia cortesia da polícia ecológica, que já havia visitado alguns de seus colegas. Judite começou a duvidar de si mesma: Não, deve ter sido eu mesma que mudei as coisas, por que a polícia ecológica estaria atrás de mim? Não, o meu projeto pessoal não traria um risco tão grande assim, pensou. Ela caiu sobre o sofá, cansada.

Sabendo que estava sendo vigiada de qualquer forma e querendo relaxar um pouco ela pegou o celular e instalou todas as principais redes sociais de volta. Vocês me venceram, seus bostas! disse ela.

Escolhendo com cuidado a pessoa mais conectada da sua rede ela resolveu que essa devia ser a mais conectada de qualquer rede: Patrick Oslo, o criador do panóptico ômega. Na sua timeline, vieram fotos de um homem vestido com cores básicas, frases edificantes de positividade tóxica e um discurso de transcendência pela autodisciplina. Aquele homem “fez a si mesmo”. Ciente de que, se todos os capitalistas querem dinheiro, pelo menos a pessoa que a vigiaria deixava isso claro, já que o panóptico ômega, a base de todas as redes sociais, era baseado na vigilância de todos pelo elo mais conectado da rede.

Ao aceitar os termos e serviços de mais uma rede social ela, sem perceber, já estava com o sistema límbico habituado à forma e ao conteúdo que aparecia, o cérebro se habitua rapidamente e a raiva passa rápido.

Ela era agora uma pessoa qualquer.

“Todos sabemos muito bem, com base nos estudos das ‘livres associações’, que os pensamentos aparentemente mais triviais ou aleatórios podem revelar uma inesperada profundidade e ressonância, mas que isso só se evidencia mediante uma análise em profundidade”,
Oliver Sacks, O homem que confundiu sua mulher com um chapéu.

Enquanto via fotos e vídeos de amigos e pessoas famosas, Judite percebia cada vez mais como seus gostos eram entendidos e capturados pelas redes sociais: vestidos com cortes elegantes e provocativos, modificações genéticas elaboradas com poucos passos e até caçadas no sul da Europa feitas com cães e cavalos que eram, eles mesmos, o

resultado de milhares de anos de seleção artificial. O que me falta? Falta... novidade, pensou.

Aos poucos, ela descobriu a função social daquilo tudo. Causar inveja, disputar o protagonismo. Tudo era egoísmo. Ela se lembrou do matemático Richard Price, que se suicidou ao concluir que todo altruísmo era o resultado de genes egoístas. Ela não conseguia ver o mundo de outra forma, apesar de a ciência já ter avançado além dessa visão. Judite não estava com vontade de se suicidar, apesar de ter chegado à conclusão de Price, e isso, em si, era algo estranho. Ao deitar fora o celular e dormir, ela, mais do que nunca, se sentiu parte de algo maior, um sentimento que a relaxou. Sem saber, ela descobriu um altruísmo biológico que ia muito além de genes egoístas.

No dia seguinte, ao ir para o trabalho, ela sentou-se no ponto de ônibus e esperou por meia hora. Um homem então surgiu, usava uma casaca marrom por cima do terno preto. Tinha rosto meio redondo com poucas rugas, olhos de íris verde musgo, adquiridos via uma modificações genéticas, e garras nas mãos que lembravam as de um lagarto. Tem um cigarro? Ele perguntou. Judite estendeu seu maço e acendeu o isqueiro.

Eu agradeço, ele disse. Ele continuou: escuta, não parece que o mundo está sempre por um triz? Sabe, a gente gosta de brincar de Deus, mas não vê as consequências disso para o planeta. É necessário que alguém seja altruísta, sabe; disse, dando um longo trago.

Eu concordo, disse ela, não querendo alongar a conversa. Vendo que o homem não ia embora tão cedo e vendo a demora do ônibus, ela decidiu fumar também um cigarro. Você sempre faz este caminho? Nunca te vi por aqui, disse ela.

Estou cuidando de algumas plantas, ele disse, sou ecólogo. Judite sentiu um calafrio. Será que foi aquele homem que invadiu a sua casa e mudou os móveis do lugar?

E você gosta de plantas? ela perguntou.

Só das nativas, ele disse. Dá trabalho fazer manejo de espécies invasoras.

Entendo, ela disse. Seu ônibus finalmente chegou e eles se despediram. Ela teria que pensar em outro caminho para o trabalho.

Ao chegar ao trabalho, ela tentou se concentrar em criar um vírus que carregaria em si os genes para modificar a íris de um ser humano. Não conseguiu. Eu disse que seria perigoso desafiar assim a autoridade dos ecólogos, disse Edy, ao perceber que Judite estava apreensiva. Ela não era a primeira pessoa da Bio-Zeno a sofrer aquele tipo de perseguição.

A autoridade e o controle social eram funções dos ecólogos, divididos em três castas: os regionais, os nacionais e os planetários, cujo poder excedia o das nações. Esses cargos eram burocráticos e a escolha era feita a partir de indicações políticas. A humanidade era considerada uma grande praga que infectava a Terra, precisando ser manejada. Fique tranquila, disse Edy. Ele vai te deixar em paz mais cedo ou mais tarde, quando perceber que você ou seus projetos não são uma ameaça econômica ou ecológica.

Só que qualquer nova modificação genética é uma possível ameaça econômica ou ecológica, disse ela. Imagine aquele cara que você modificou na semana passada que queria realizar saltos enormes, o que você acha que ele queria com aquilo? É óbvio que ele era uma espécie de assaltante, Judite concluiu.

É, mas eu não me importo muito com as razões dele, disse Edy. E também devemos considerar que, seja lá qual fosse a intenção dele, aquela modificação não tinha a menor chance de se tornar um perigo em larga escala; os assaltos a residências acontecem todos os dias, concluiu Edy.

Judite ignorou a norma interna do laboratório de não fumar em espaços fechados e acendeu um cigarro. Se eles me acham uma ameaça, ela disse, pois eu vou continuar sendo, pois eu não posso deixar de ser quem eu sou.

E o que você vai fazer? Perguntou Edy.

Ela sorriu e disse: eu não sou tola o bastante para revelar a você, Edy. Mas, por enquanto, eu vou conversar com outros da Bio-Zeno que também passaram pelo que eu estou passando.

Nesse caso, disse Edy, eu posso ajudá-la.

“A única exceção é o caso de Hildegarda de Bingen (1098-1180), freira e mística de capacidade intelectual e literária excepcional, que teve inúmeras “visões” desde a infância [...] Um exame atento desses relatos e ilustrações não deixam dúvida quanto à sua natureza: são inquestionavelmente originados por enxaqueca”, Oliver Sacks, O homem que confundiu sua mulher com um chapéu.

Se dirigindo ao refeitório da Bio-Zeno, Judite foi, guiada por Edy, para uma mesa com várias pessoas que conversavam entre si. Não pareciam ser grandes amigos, mas havia uma espécie de companheirismo entre eles.

Hérica, a Judite quer falar com você, disse Edy. A mulher, por sua vez, respondeu: Ora, Ora... Então a técnica que nunca fala com ninguém quer fazer *network*?

Não, disse Judite. Hérica então percebeu do que se tratava a conversa. Está bem, eu vou pegar um café com minha nova *amiga*, disse ela. Judite a seguiu.

O que foi? Foi atropelada ou o quê? Fala logo, disse Hérica. Judite, por sua vez, demorou um pouco para recuperar a compostura, mas logo foi interrompida por Hérica: olha, esses fascistas só se importam com uma coisa, que é manter o seu dia a dia. São burocratas, a verdade pouco importa mediante a um papel a ser carimbado, nem que seja para eliminar uma cidade, deslocar o fluxo de um rio, construir uma usina nuclear etc. Até mesmo eliminar uma de nós por qualquer risco que sejamos ao planeta, pois para mim, o ser humano no geral é que é o problema, só não admite.

E o que você recomenda que eu faça? perguntou Judite. Hérica pegou na mão de Judite e disse: não deixe que algo tão belo quanto o que saiu da sua cabeça e que incomoda os outros seja fonte de angústia. Um ignorante pode confundir uma obra cubista ou dadaísta com lixo. Se estão atrás de um projeto seu, pois exponha para todos verem! concluiu.

Você fala de forma insana, disse Judite, que logo percebeu que sua fala impactou o espírito de Hérica.

Pois resolva suas questões sozinha, disse Hérica, com raiva, voltando ao refeitório.

Judite passou sem ser vista pelos outros, até mesmo Edy ela evitou. Diante do fracasso que foi pedir ajuda, ela decidiu que seria melhor se

afastar de tudo por um tempo, tirar férias do trabalho, assim ela teria tempo para pôr a cabeça em ordem. A justificativa seria os efeitos da exaustão que o trabalho e questões pessoais estavam trazendo para sua saúde.

Sem ter o que fazer, ela voltou para as redes sociais. Ela gostava dos vídeos feitos por universidades estadunidenses que traziam guias detalhados sobre modificações genéticas. Ela podia escolher entre fazer doações ou assistir a uma propaganda como forma de retribuição. Essas, por sua vez, eram produzidas especificamente para induzir a compra de produtos por ela.

Judite não havia adicionado amigos em suas redes sociais e ficou surpresa ao receber várias mensagens na aba “conversas”. O remetente de uma delas era ninguém menos que Patrick Oslo, o criador do panóptico ômega. Era apenas propaganda.

“Aos que escolhem a alegria, entretanto, a ciência fornece este importante reconforto: na medida em que o acaso é criador, sua escolha talvez não seja ditada apenas pelo instinto ou pelo princípio do prazer, mas corresponda a uma visão coerente do mundo”, Rémy Lestienne, O Acaso Criador.

Judite deixou para depois para ver as mensagens na sua caixa de entrada. Ao sair de casa para cumprir com mais um dia de trabalho, após uma semana de recesso, ela pegou seu celular e viu que tinha várias mensagens acumuladas. De alguma forma, todas aquelas pessoas conhecidas encontraram ela na internet. Até mesmo a dona da casa que

ela alugava havia lhe mandado mais de vinte mensagens pedindo as mais variadas explicações sobre o estado da residência. Uma das últimas era um aviso de que ela mandaria uma faxineira arrumar tudo e verificar se Judite estava cuidando direito da casa. A data batia com o dia em que seus móveis foram mudados de lugar. Ao andar pela cidade, ela também se deparou com um ecólogo com mãos de lagarto chefiando um grande grupo de jardineiros que fazia manejo de todos os jardins e praças públicas do bairro. Era um projeto enorme.

De frente para o ponto de ônibus onde ela parava sempre para ir ao trabalho havia um enorme outdoor onde o rosto do Patrick Oslo estava ao vivo:

Povo da Terra, ele disse, estou pagando minha dívida com o planeta por todo o impacto ambiental que o meu panóptico causou no último dia. Está autorizada toda a forma de ódio público à minha figura pelos próximos dois minutos, o que passará a ser chamado “dois minutos de ódio”, um evento que se tornará diário a partir de hoje. Eu aceitei de livre e espontânea vontade permitir isso como forma de conscientizar a população humana da Terra sobre os impactos ambientais e econômicos da minha criação e incentivar um menor uso das redes sociais. Os dois minutos começam agora.

Nas ruas, mesmo a distância, se ouviu em uníssono o grito retumbante de pessoas que estavam frustradas com as condições de vida, o trabalho, a falta de tempo livre ou de lazer. Gritar com aquele homem que havia dado início a tudo aquilo, o descarregar da raiva de oito bilhões de seres humanos, era o ápice do capitalismo de vigilância, que havia encontrado a válvula de escape última para uma legião de

humanos que era conduzida com maestria por Patrick, que sairia dali com mais seguidores do que antes. Patrick era, para um novo grupo de seguidores fanáticos, o ápice do altruísmo na espécie humana.

*“ ‘Gatos comem morcegos?’, e às vezes ‘Morcegos comem gatos?’ ”,
Lewis Carroll, Alice no país das maravilhas.*

Após um ano, Judite terminou a sua pesquisa, tornando a fotossíntese em seres humanos uma tecnologia muito mais barata e segura. Ao fechar o contrato de venda para uma empresa privada de modificações genéticas, ela percebeu que não precisaria mais trabalhar, não só por já ser autossuficiente, como uma alga, mas também por receber os royalties de todos os que usassem a sua tecnologia. Um assessor de marketing da Infinitely-Green a aconselhou a ter um perfil profissional em cada uma das suas redes sociais.

Você vai ter mais seguidores até mesmo que Patrick, disse o assessor. Judite, ao ouvir aquilo, refletiu sobre tudo o que havia se passado no ano anterior e como a maior parte das duas preocupações foram fruto de paranóia, pura e simples. Ela resolveu então relaxar, ciente de que, dali em diante, o mundo seria muito mais generoso com ela.

O Garoto de Plástico | Matheus Oliveira Ponte Gonçalves

Muito tempo atrás, depois de um longo período de tempestade, o primeiro raio de sol aparecera, tão suave quanto uma pomba pairando no ar anunciando alívio.

Assim nascera o garoto, vestido com o manto do perfeccionismo, aquecendo e confortando todas as perspectivas, suprimindo todas as expectativas. Tal como uma rosa dos ventos, satisfazendo os olhares vindos de todas as direções.

O garoto crescera, como uma avalanche que se dissolvia na neve, antes de causar qualquer desastre, repreendendo suas pulsões, renegando-as pela negação que pudera advir do luto estampado nas pupilas daqueles que o idealizaram.

Assim, o garoto agarrou-se ao ideal e tornou-se exemplar, um receptáculo, alimentado por aplausos, enquanto tecia sua performance sutilmente angelical sobrecarregada de sorrisos e demasiados gestos de educação.

Foram anos de ouro, se erguendo ao pódio e exibindo a medalha de inteligência, sobressaindo-se perante os demais com suas belas palavras.

Tudo fora como um grande jogo de xadrez, controlado pelo jogador nato, que articulava as peças para ganhar a partida, sendo a peça determinante, que aponta o alvo a ser derrubado.

Ele encontrara doçura e firmeza em uma vida íntegra e inteiramente artificial. Assim, tal como plástico, o garoto tornou-se moldável e descartável.

E com o tempo, o manto, antes límpido, passara a escurecer com a poluição avassaladora do mundo e rasgara por completo, revelando o garoto de plástico, haurindo a dopamina advinda dos olhares que lhe acompanhavam ao pódio mais uma vez.

Quando Jesus Nasce no Sertão | Enver Sampaio

Avistando de longe, surgindo entre as juremas e os mandacarus, a trilha de chão batido, vereda feita por muita andança de gente e bicho, marca o rumo certo para a casa de Seu Aristides. Isolada, de baixo já se vê o grande telhado, feito de telhas grossas, encardidas pelo tempo, um lodo petrificado pelo sol eterno dos verões do sertão, escurecendo o marrom da cobertura, formada por duas águas, com cumeeira bem no centro, feita de carnaúba curtida, pegando a casa da fachada aos fundos, cerca de dez metros de tronco chumbado, segurando todo o peso da estrutura. Os caibros de sabiá, não muito linheiros, tortuosos, mas firmes, fixados com pregos, formam o restante do telhado aparente interno. Após subir o degrau da varanda, local mais usado da casa, onde começam todas as reuniões familiares, recepção de visitas e fiação de prosas.

A varanda lateral é bem ampla, cheia de armadores de estender as redes aos amigos e conhecidos, pode-se escolher por qual dos três portais entrar, todos eles dão acesso ao interior. Dona Clementina, após o almoço, fecha as bandas de baixo das portas para os cachorros e as galinhas não entrarem, passa o ferrolho de dentro e deixa a banda de cima aberta para ventilar, na esperança de alguma brisa resolver entrar. A casa estava toda escancarada, adentramos, inúmeros feixes de luz escapavam das frestas das telhas e iluminavam a sala e a cozinha, sendo um vão só, toda aberta, sem divisória. Um quarto, do casal do lado direito, fechado por uma cortina colorida quase transparente. Do lado esquerdo, um quarto para os três filhos, com uma cortina encardida sempre enganchada no armador, ficando livre para as crianças entrarem e saírem correndo. Mais à esquerda, o coração do lar, o fogão de barro, já próximo a porta do quintal

e de frente para a despensa, onde Seu Aristides guarda os suprimentos, que esse ano está abarrotada até o topo dos três metros de parede.

Do fogão sobem labaredas, espalha-se o cheiro bom do cozido de porco. O defumado da lenha queimando se mistura aos outros aromas que empesteiavam a sala. Pela porta, vejo o sol que começa a se esconder na chapada, o véu da noite desce de mansinho, o céu descampa estrelado. Vem vindo pelo quintal a criançada correndo, Aristides e a família estavam com a novilha que acabou de parir. A alegria da notícia contagia a todos, mais uma garrota pra ficar prenha, já são duas rezes. A vida é difícil nesse balseiro de sequidão, cada conquista é valiosa e eles sabem disso. A esperança é nos pequenos, de estudar e quebrar o ciclo. Aristides só conhece a lida na roça, seu pai e o pai dele também. Quando é noite de sonhar, pensam nos filhos diplomados.

Agora todo mundo se aquieta, nos juntamos à família, hora sagrada de oração, uns pela mesa, meninada no chão, hora abençoada da refeição. Jesus nasce na televisão, pequena, de tubo. Não tem presépio, nem neve, nem presentes, muito menos árvore de Natal, mas tem amor, do jeito sertanejo, demonstrado na gratidão pelo prato cheio, pela mesa farta, pelo bucho espocando. É tempo de esperança num futuro melhor.

Damos as mãos, Seu Aristides baixa a cabeça, a lágrima escorre pela pele enrugada.

- Deus abençoe mais uma refeição.

Todos.

- Amém.

Irmãzinhas | Daniel Pucú

Uma casa, uma casa meio de alvenaria, meio de madeira, na parte dianteira funcionava uma birosca, mais especificamente um bar, um pequeno bar... Letícia, a irmã mais velha, coloca uma das mesas do finado comercio na parte externa, pega uma dessas fitas cassetes que se deve esperar um dia inteiro para ter a sorte da música tocar no rádio para poder gravar, a famosa pirataria; começa a tocar os clássicos da Rainha do Rebolado, Letícia sobe na mesa e começa a rebolar no ritmo das músicas, a criançada ali presente também começa a se divertir e a bater palmas para Letícia, uma das crianças brinca de ser a Rainha dos Baixinhos e faz uma entrevista com Letícia... De repente:

— Letícia! — Grita Sofia, a irmã mais nova — A vovó tá vindo!

Letícia mais que de pressa guarda a mesa e Sofia desliga a música, e todas a crianças, assustadas, fingem estar brincando de outra coisa.

— Letícia, que bagunça é essa aqui? Tu não te manca não? Quase dezesseis anos brincando, tamanha velha, vai arrumar a casa é que é, bora. E vocês, vão procurar o que fazer na casa de vocês, vão rezar, bando de estrupício.

As crianças *pegam o beco* rumo suas casas, enquanto isso a esculhambação continua na casa da amargurada dona Waldenize.

— Essa casa *tá* um galinheiro, o que vocês ficam fazendo aqui? Vocês estão ficando preguiçosas e sem vergonha igualzinho a mãe de vocês. Bora, Sofia, *tá* na hora de aprender a varrer uma casa direito. Letícia, vai lavar a louça, se não, tu vais acabar apanhando.

Scarlett, a única filha de Waldenize e mãe das meninas, era a dona do bar, uma vergonha para mãe, caiu no mundo da prostituição, nunca

soube quem eram os pais de suas filhas, só havia uma certeza: eram pais diferentes. Wal pusera o nome de Scarlett por causa de um filme que tanto lhe emocionava quando passava na televisão. Um dia, depois de muitas brigas com sua mãe, seus vizinhos e com outras prostitutas, Scarlett sumiu no mundo, não deixou nenhum bilhete, só as filhas para a mãe criar, as deixou trancadas dentro de casa até a hora da avó chegar do trabalho. Letícia foi a mais marcada por essa história, tinha seis anos quando tudo aconteceu, enquanto Sofia tinha acabado de completar um ano. E assim se explica amargura de Wal: o ressentimento pela filha, o peso de ter de criar as netas e a vergonha dos comentários dos vizinhos, comentários estes que ela certamente faria se fosse a filha de outra pessoa que fosse como a sua. E ela também rejeita suas netas por serem negras, apesar dela também ser.

Outro dia se inicia, os rádios ressoam as primeiras notícias do dia, algumas notícias de crianças sequestradas num Brasil ainda feliz pela conquista do tetra... Letícia é responsável por acordar Sofia, fazê-la tomar banho e cuidar para que ela vá arrumada para a escola, depois ela cuida de si, enquanto Wal prepara o café da manhã, elas rezam antes de comer...

— Agradecemos, Senhor, por esse alimento, que ele não nos faça mal e que nunca falte o pão dos fiéis na nossa mesa. Amém.

— Amém. — Repetem as meninas.

Wal trabalha de empregada em uma casa num bairro próximo, e no caminho deixa Sofia na escola. Letícia vai para sua escola na companhia de outras colegas que moram na mesma rua.

— Posso contar uma coisa para vocês uma coisa? Mas vocês tem que prometer que não vão contar para ninguém.

— Conta, a gente não vai falar para ninguém. — Diz, uma das colegas.

— Mas vocês tem que prometer, eu tenho vergonha.

— Tá bom, nós prometemos. — Responde a outra.

— Bem, é que tem duas semanas que eu... que eu... sangrei lá na... E eu fiquei com vergonha de falar *pra* vovó, aí eu coloquei uma fralda de pano velha que tinha lá por casa e lavei escondida quando parou. Aí, eu fui perguntar da professora e ela disse que isso é normal acontecer com as meninas da nossa idade. Só que eu não sei como falar isso *pra* vovó.

— Você falou com a professora Carola? Ela também me ajudou nisso, só que a minha mãe não sabe até hoje. E nem vou contar. Eu tenho uma tia, que a filha mais nova dela menstruou com doze anos e foi antes da irmã mais velha, essa minha tia já achou que era enxerimento dessa minha prima e deu uma surra nela.

— A minha mãe é tranquila com isso, ainda não aconteceu comigo, mas ela me procurou para explicar e disse que é para eu contar quando acontecer.

— Bem, eu acho que vou esperar mais um pouco para criar coragem de contar.

Enquanto isso, na escola de Sofia: A normalista, uma mulher assombrosa, caminha pela sala enquanto dita palavras.

— ... Cavalo. Preto. Lustroso. Dentro. Selvagem. Casa. Doçura. Medo. Mão. Bem, coloquem os cadernos na minha mesa e peguem as tabuadas.

— Oba, hoje vai ter sabatina! — Diz Sofia, animada.

— Atenção, eu vou sortear os nomes e vocês já sabem a regra. Lúcio e Inácio.

Os dois alunos se levantam e vão para perto do quadro negro.

A professora pergunta:

— Lúcio, quanto é sete vezes oito?

— Cinquenta e seis.

— Correto.

O menino então pega uma régua de madeira que está sobreposta na mesa e bate na mão de Inácio, que aguenta firme.

— Inácio, quanto é cinco vezes sete?

— Trinta e cinco.

— Correto.

— Ah, não vale, a tabuada do cinco é a mais fácil que tem. — Reclama Lúcio.

Um zum zum começa na sala, com alguns colegas rindo, outros concordando e outros discordando. A professora então bate o apagador na mesa e grita:

— Ei, abriu o mercado? Silêncio. Lucio, não reclama.

Inácio pega a régua da mão de Lucio e lhe bate na mão, e assim se sucedeu a sabatina: quem acertava batia, e quem errava levava reguada, até que chega a vez de Sofia.

— Próxima dupla: Sofia e Pedro.

Pedro é apelidado pelos colegas como Boquinha porque ele tem a boca com formato esquisito e pequena, a professora, que está grávida, não olha para ele de jeito nenhum há três meses porque tem medo que o

bebê nasce com a boca parecida. Então a professora, olhando em direção a porta, diz:

— Sofia, quanto é nove vezes quatro?

— Trinta e seis.

Sofia aplica a regra, mas a gana de bater é tanta, que Pedro segura as lágrimas.

— Pedro, quanto é sete vezes nove?

— Sessenta e cinco.

Todos gritam: Errou.

Sofia então dá a segunda reguada ainda mais forte o que faz com que Pedro a empurre.

— Sua preta do batuque. Professora, ela bateu muito forte.

— Olha aí, professora. — ela o empurra de volta. — Seu boquinha de caracol.

— Urubu despachado!

— Pelo menos meu pai não dorme bêbado na calçada...

— Pelo menos eu tenho pai, filha de chocadeira.

Sofia parte para bater em Pedro, mas é impedida pela professora.

— Parem, vocês dois. Vamos, para o canto da parede agora e sem recreio para os dois.

Na hora do recreio,

— Tu vai ver, seu boca de *fechecler*, lá fora eu vou te quebrar na porrada.

Na saída, Pedro corre, com medo, em direção a mãe, mas não fala nada. Letícia passa para buscar Sofia na escola.

— O que foi, por que tu tá emburrada?

— Nada não. — Completamente irritada.

— Sofia. — alguém grita e Sofia olha — Cadê, tu não ia meter a porrada no Boquinho?

— Ele é todo medroso, saiu e correu *pro* colo daquela gorda da mãe dele.

O colega que chamou Sofia se chama Jorge, ele e Letícia se olham, mas disfarçam, mas o sangue de ambos foi pasteurizado...

As irmãzinhas voltam para casa e Letícia pergunta:

— Quem era aquele menino?

— Aquele que falou comigo perto da escola?

— É.

— O Jorge, ele é da minha sala, ele é burrão, tem quinze anos e ainda não sabe nem ler. Mas parece que vão criar uma turma só para quem já completou dez anos e ainda não sabe ler e escrever.

— Ah, nossa, mas é estranho ele todo grandão no meio de um monte de pirralho.

— É, uma vez ele foi suspenso porque ele bateu num menino bem menor que ele, o pai do menino até queria bater nele.

À noite, as irmãs jantam sentadas no chão enquanto Wal ocupa todo o sofá, a família assiste religiosamente às novelas. A matriarca, enquanto vê um beijo entre Tarcísio Meira e Vera Fischer, não para de coçar a cabeça. Ela levanta e vai até a penteadeira e pega um pente fino.

— Um piolho! — Espantada — Sofia, Letícia, venham aqui!

As meninas já vão se tremendo de medo ver a avó. A mulher puxar a menor pelo braço e começa a lhe pentear, cai uns piolhos, pega a maior e também lhe penteia, o pente também vem com alguns piolhos. A mulher dá dois tapas em cada uma.

— Suas porcas, amanhã podem se preparar que eu vou catar vocês duas. A Sofia, eu até entendo porque ainda é uma criança, agora tu, Letícia, tamanha égua velha. E vão cuidar de dormir!

Elas já estão tão acostumadas a apanhar por quase nada que nem sentiram, lamentaram apenas não poder terminar de ver o capítulo da novela. Letícia fica deitada na cama da irmã e canta para ela:

— Como pode um peixe vivo viver fora da água fria? Como pode um peixe vivo viver fora da água fria? Como poderei viver? Como poderei viver, sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia?

Letícia canta esta cantiga para irmã dormir desde que sua mãe as deixou.

Enquanto isso, no bairro ao lado, Jorge aproveita que sua mãe está ouvindo “as mais românticas” no rádio e pensa em Letícia, ele até começa o ato da masturbação, mas ele não continua.

No dia seguinte, Wal amanhece catando os piolhos das netas, e deixa o recado para elas:

— Hoje é sábado e vocês não têm nada melhor para fazer, podem arrumar essa casa mesmo. Se seu chegar e a casa estiver do mesmo jeito, *vai as duas rodar na porrada.*

Wal sai, e as meninas começam a assistir televisão. Alguém bate na porta.

— Quem é? — Grita Sofia.

— Sou eu, Jorge.

— O que tu quer aqui? — Abrindo a porta.

— Eu vim saber se tu pode me ajudar com essa tarefa de matemática.

— Mas tu nem gosta de estudar.

— Bem, é que eu tenho que melhorar, se não vou ter que ficar mais um ano aí nessa escola de criança.

Letícia se aproxima da porta perguntando:

— Sofia quem *tá* aí?

Ela se espanta ao ver Jorge, ambos ficam corados. Letícia recua e vai trocar de roupa, pois ainda está de roupa de dormir: Um blusa branca de um candidato a vereador, diferente da roupa de dormir de Sofia, que é uma blusa de missa de sétimo dia.

Enquanto isso, Sofia diz para Jorge entrar enquanto ela vai buscar seu caderno. Estudaram? Não. Passaram a manhã toda assistindo TV. Enquanto Sofia não observava, Letícia e Jorge deram as mãos.

— Bem, poxa, a gente nem estudou. Eu tenho que ir *pro* trabalho.

— Tu trabalha onde? — Pergunta Letícia.

— Sabe onde é onde é o sovaco da cobra?

— Sei sim.

— Pois é, lá no final dessa rua tem um mercadinho, eu trabalho lá. Toma.

O rapaz dá dois pacotinhos de jujuba para as irmãs. Depois desse dia, durante duas semanas, Jorge ia todos os dias levá-las em casa depois da escola e ficava uns quinze minutos conversando com Letícia na porta de casa.

Até que começaram os primeiros beijos... E o namoro escondido.

A paixão das primeiras semanas os contagiou, ele trabalhava pensando nela e ela prefere ir ao outro bairro comprar no mercadinho onde ele trabalha, só para vê-lo.

— Menina, o que que tu tem? Toda vez que eu te pedia *pra* ir na taberna, tu só ia de cara amarrada, e agora toma até banho e vai quase correndo. — Observou a avó.

Um sábado à tarde, Letícia gazetou o catecismo, apenas deixou a irmã na frente da igreja e foi encontrar Jorge em um terreno que estava cheio de pneus velhos amontoados formando um paredão, as crianças que sempre brincavam ali fizeram um balanço de pneu em um jambeiro, eles brincaram um pouco no balanço e depois, instintivamente, transaram na montanha de pneus, ambos nervosos porque era a primeira vez de cada um... Caiu uma chuva e eles chegaram ensopados em suas casas, mas renovados por dentro.

E depois da primeira, sempre se arranja um jeito para a segunda, terceira, quarta, quinta...

Quase um mês depois...

— Isso é hora de chegar? Tu deixou tua irmã sozinha a tarde inteira. — Briga Wal.

— Ah, desculpa, vó, eu estava estudando na casa de uma amiga.

— Que amiga é essa?

— É uma que mora lá na avenida, mas eu dei o almoço da Sofia.

— Sofia, vai lá *pro* teu quarto. Quero ter uma conversa com a tua irmã.

— Olha, se eu sonhar que tu anda atrás de macho por aí, eu vou pegar o cabo da vassoura e quebrar na tua costa. Me diz, uma coisa, tu já menstruou alguma, vez?

— O que que é isso? — Letícia se faz de desentendida.

— Eu vou te falar uma coisa que eu me arrependo muito de não ter falado *pra* tua mãe. Menstruação é um sangramento que acontece quando as meninas viram adultas, isso significa que elas já podem engravidar.

— Não, eu nunca sangrei.

— E outra coisa, rola, esse negócio que os meninos têm nentre as pernas, faz filho. Não fica andando com esses meninos por aí não. Depois que aperece grávida, todos eles somem, aí tu vai ficar mal falada igual tua mãe.

Três dias depois, dia de São Cosme e São Damião, as crianças estão todas afoitas com seus sacos e mochilas para pegarem bombons que são distribuídos nas ruas...

Boquinha avista Sofia no meio de uma multidão de crianças que se concentra na frente de uma casa que é famosa por ser a casa que mais dá bombons para essa comemoração, ele se aproxima da menina e explana sua hipocrisia.

— Mas não era tu que nem passava aqui nessa rua porque tinha medo dos macumbeiros? Tu sabe que aí atrás é um terreiro, né?

— Ah, mas é bombom, tem nada demais, depois eu oro em cima e *tá* tudo certo. Ei, mas não é tua mãe que é crente e não deixa tu pegar bombom porque é do diabo?

— Ixi, ela *tá* trabalhando e eu vim escondido.

Letícia está em outra casa segurando lugar na fila com outras colegas e alguns rapazes, incluindo Jorge, na rodinha dos “quase” adultos, agora só se fala em sexo e virgindade, como se todos ali tivessem anos de experiência, sempre aquela disputa sobre quem já beijou mais, quem já transou mais, mas eles ainda pegam bombons come se fossem crianças...

A dona da casa onde Sofia e Boquinha esperam, organiza uma fila, entram na casa dez crianças por vez. O medo do desconhecido faz Sofia e Boquinha se benzerem antes de entrar; dentro da casa realmente é um terreiro, os colegas reparam na música, nas imagens com muito espanto, mas tudo pelos bombons... Eles ainda ganham picolé, pipocam, refrigerante, bolo e cachorro-quente. Do lado de fora, Boquinha comenta sobre o cheiro do incenso:

— Tu viu o cheiro da macumba?

Eles ainda foram em mais outras dez casas pela redondeza, e ainda encontraram outros colegas da mesma turma. No fim da tarde, um homem joga de pirueta bombons para as crianças, independente de suas hipocrisias e de suas religiões, todos ali se divertiram se jogando no chão para pegar bombom, as formiguinhas muito maliciosas mas ao mesmo tempo tão inocentes. A mãe de Pedro, o Boquinha, surtou quando descobriu os doces escondidos em baixo da cama do garoto, jogou todos no lixo, deu uma surra de cinturão nele, o fez tomar banho três vezes e escovar a língua mais de cinco vezes.

Na casa católica, Letícia passa mal...

— Tá vendo, foi se tacar em porcaria, agora tá aí morrendo. — Diz Wal.

A menina vomita muito.

— Ai, vó, será que é o cachorro-quente que tava imacumbado? Pior que eu comi uns três. — Diz Sofia.

— Que, menina? Para de ser abestada. Mas, se tu comeu, tu vai passar mal também.

Sofia não passou mal.

No dia seguinte, depois de muito vomitar, Letícia melhora. Wal, muito desconfiada, faz uma vistoria no quarto das netas, e encontra a fralda que Letícia usa como absorvente e que, por descuido, ela deixou suja.

— Letícia! — esbraveja a senhora — O que que é isso?

— É que... é que...

— Fala!

— Então, é que eu menstruei, só que eu fiquei com vergonha de dizer.

— Desde quando?

— Desde julho.

— E esse mês? Já desceu?

— Bem, até agora não.

A velha se enfurece e começa a bater com a fralda na cara da neta...

— Sua vagabunda, eu sei que tu tá grávida, sua safada.

— Não, vó, eu não tô grávida. — Chorando.

— É claro que tá, sobancelha rala, com a cintura quadrada, fala a verdade antes que eu te mate. Com quem tu andou se esfregando?

— Ai, é que eu conheci um rapaz na escola da Sofia...

— Como assim na escola da Sofia?

— É, ele é da sala dela, mas ele já tem quinze anos. A gente se conheceu quando eu ia pegar a Sofia, e começamos se gostar... e aconteceu.

— Sua ordinária! — Dando-lhe um tapa.

Wal tranca Letícia no quarto.

— Sofia, quem é esse menino da tua sala que a Letícia tá namorando?

— Não sei. — Assustada.

— Tu não mente *pra* mim, se não, eu vou te dar uma surra.

— Tá bom, ele trabalha num mercadinho ali no final da Sovaco da Cobra o nome dele é Jorge.

Wal vai até o mercadinho.

— Você que é o Jorge?

— É.

— Eu sou a vó da Letícia e ela *tá* grávida. Grávida de você.

Jorge fica mudo.

— Não vai falar nada, moleque? Ah, na hora do bem bom se acha todo machão. Agora *tá* aí fugindo da responsabilidade, mas claro, pelo que ela me disse você nem deve estudar. Mas não se preocupa não, não vou querer mais um peso na minha vida e dar conta dos erros de outra irresponsável. Você vai me arranjar vinte reais para amanhã.

Jorge conseguiu o dinheiro, roubando uma parte no mercadinho e outra parte roubando da carteira do padrasto. Deu o dinheiro para Wal, que em seguida foi falar com uma vizinha.

— Denize, tu sabes quem vende cytotec?

— A Silvana, o marido dela trabalha em farmácia, e dizem que ele rouba lá, e ela aplica dentro da casa deles.

— Ah, beleza, sabe se ela está por aí?

Um tempinho depois...

— Olha, tem que dar para ela em jejum. — Explica Silvana.

— *Tá* bom.

No segundo dia do cárcere de Letícia, Wal entra no quarto e dá para ela tomar duas pílulas de uma vez para garantir que ia dar *certo*.

— Bora, toma isso daqui... Agora tu só espera descer para me avisar.

A velha sai do quarto. Em 20 minutos Letícia começa a agonizar; devido a fraqueza pela fome ela não consegue gritar para expressar a dor que sente... Sofia entra no quarto para ver a irmã, e se desespera ao vê-la se contorcendo de dor na cama, corre para acodí-la, ela pega em sua mão e Letícia aperta muito forte. Sofia grita:

— VOOOOÓ!

Já é tarde, Letícia faleceu olhando para a irmã, que não entendeu nada, apenas enxugou as lágrimas da irmã que ainda estava de olhos abertos. Nem os coveiros, que são acostumados com tais cenas, seguraram as lágrimas quando Sofia cantou:

— *Como poderei viver? Como poderei viver, sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia?*

Sofia cresce e antes dos seus 20 anos tem seu terceiro filho, ela deixa todos na asa de sua avó, e esta não se importa nenhum pouco de criar os bisnetos.

Um Velho na chuva | Raul Maschieto

Rua da Consolação, por volta das seis da tarde. Antônio andava olhando ora para a calçada diante de si, ora para a rua a seu lado. Nuvens dos escapamentos e dos cigarros dos pedestres geravam uma atmosfera que deixava seus olhos ardendo. Caminhava para encontrar um velho amigo, numa cafeteria.

Ao contrário do amigo, acadêmico de carreira, e que carreira!, Antônio vivera pulando de um emprego em algum órgão público para outro, a fim de se manter, isto é, pagar seu aluguel, em bairros muito piores do que aquele em cujas ruas caminhava em direção à cafeteria, e três refeições por dia.

Como acabara na cidade de São Paulo também era um mistério do acaso. Um rearranjo no escritório em que trabalhava levava à transferência de vários dos funcionários para a capital do estado, incluindo Antônio, que nunca tinha passado mais de uma semana na cidade. A verdade é que ele não gostava dela, mas já estava devidamente instalado em um apartamento decente e recebia sua aposentadoria, suficiente para acomodá-lo. O hábito acabou por vencê-lo.

A luz das luminárias saía do interior do estabelecimento e iluminava a sua fachada. Um lugar agradável, pensou Antônio assim que entrou, as mesas de madeira envernizada, aquela aura amarelada e um grande balcão de tampo escuro davam ao lugar um quê de clássico, e de soturno.

Olhou ao redor para ver se o amigo já havia chegado. Não havia. Foi até uma mesa nos fundos, encostada na parede, e sentou-se.

Cabeça baixa, Antônio fitava a mesa. Por volta de dez minutos haviam se passado, quando ele ouviu alguém se dirigir a ele de perto:

— Com licença — era uma jovem de boa aparência, sofisticada, provavelmente universitária local —, você é Antônio Virgílio, o poeta?

— Já fui — respondeu Antônio, levantando somente os olhos por alguns instantes.

— Como assim? — perguntou ela, com um sorriso algo patético.

— Não sou mais poeta.

Ela olhou-o com dúvida. Devia tomar o que ele falou por piada, requintes de um grande intelectual? Sem saber ao certo, acenou com a cabeça e, mantendo o sorriso forçado nos lábios, voltou à sua mesa, próxima à porta.

A verdade era que a afirmação de Antônio não tinha nada de enigmático, nenhuma metáfora elevada. Era só a aceitação por parte de um velho resignado, desacreditado e, acima de tudo, desiludido, da sua condição: deixara o mundo dos versos.

Mais minutos. O amigo chegou. Vinha trajando um paletó castanho escuro, combinando com as calças e com a pasta de couro da mesma tonalidade.

— Bom te ver, meu velho! — disse ele enquanto acomodava-se na cadeira de frente para o amigo, que o respondia com um sorriso de canto de boca.

Tinha por volta da mesma idade de Antônio. Mas, ao contrário deste, era de porte robusto e caminhava com postura, desfrutando do prazer de ser quem era. Quando colocou sua pasta na cadeira vazia ao lado, uma pequena placa dourada com seu nome gravado reluziu à luz amarela. Prof. José Herman Hildebrand.

— Então, como vão as coisas? — continuou e, logo em seguida pediu um café coado.

— Nada de novo sob o sol, meu amigo.

Hildebrand riu com gosto. O caráter constantemente melancólico do amigo, desde os tempos de faculdade, era-lhe cômico. Quando se conheceram, Antônio era um poeta obscuro e cético, Hildebrand, um aspirante à docência, de visões extremistas. Os ponteiros avançaram, o poeta obscuro foi publicado e o aspirante à docência tornou-se acadêmico e integralista.

— Me conte como vai a vida de aposentado na cidade grande — tentou novamente o acadêmico, visando extrair mais do que noções bíblicas do outro.

— Tenho passado os dias lendo e vagando, mentalmente, fisicamente, dá no mesmo — disse Antônio como que dando de ombros e levantando as sobrancelhas.

— Não tem escrito mais mesmo?

— Não... — suspirou.

Hildebrand levantou a xícara e soprou o vapor que se levantava, em um gesto mínimo e poderoso. Olhou com dúvida para Antônio e inquiriu:

— Me explique como isso é possível? — fez uma pausa e sorveu um gole da xícara vagarosamente — Como é possível um poeta parar de compor versos?

Duas vezes no mesmo dia, pior, na mesma hora, aquela lembrança dos versos. Era demais para Antônio. Começou a sentir uma dor de cabeça difusa. Por quê? O que ele poderia responder? “Ora, meu amigo, a fonte secou”? Não havia resposta certa para aquilo. Ele acabou dando de ombros e levando a mão à testa sem dizer nada.

A conversa foi e voltou, afinal, lá estavam eles, dois sexagenários, um acadêmico ex-integralista e um ex-poeta acabado. Mas aquela pergunta não deixou a cabeça de Antônio por nenhum momento. Vinda do amigo, um homem confiante, devido a sua enorme vocação para colocar um ideal como norte de sua existência, pensava Antônio, ela possuía um peso que o “como assim?” da jovem admiradora jamais poderia ter.

Despediram-se à porta do café. Hildebrand falando em repetir o encontro o mais cedo possível e o outro acenando afirmativa e timidamente. Antônio seguiu a pé. Andara uns poucos metros e, claro, começou a chover. Era isso. Um velho, ex-poeta, com uma terrível dor de cabeça, andando pela metrópole na chuva. Que imagem!, pensou ele. Imagens, não poderia passar sem elas. Estava condenado a elas.



CRÔNICAS

A forja da existência | Keyth Martins

Na tapeçaria intrincada da vida, cada fio é tecido com as cores vibrantes das batalhas diárias, as nuances sombrias das dificuldades, a solidez do trabalho e a arte do ofício, tudo entrelaçado na complexa dança das relações interpessoais. Não há existência que escape a essa urdidura, e é no cadinho dessas experiências que a verdadeira essência do ser é forjada.

Considere o artesão, cujas mãos calejadas moldam a matéria-prima com uma dedicação quase reverente. Seu ofício não é apenas uma habilidade, mas uma extensão de sua alma. Cada peça criada é uma vitória sobre a inércia do material, uma superação das limitações técnicas e um testemunho de sua persistência. As batalhas são silenciosas, travadas contra a imperfeição, contra o cansaço que insiste em embotar a precisão do golpe, contra a dúvida que sussurra sobre a inutilidade do esforço. As dificuldades se manifestam na escassez de recursos, na incompreensão do valor de seu labor, na solidão do ateliê onde a única companhia é o eco de seus próprios pensamentos.

No entanto, o artesão não vive em um vácuo. Ele interage com fornecedores, com clientes, com aprendizes e, por vezes, com concorrentes. As relações se tornam um campo de batalha sutil, onde a negociação de preços, a interpretação de desejos alheios e a gestão de expectativas são desafios tão grandes quanto esculpir a mais intrincada das formas. A confiança é uma moeda rara, conquistada a duras penas e perdida com um único deslize. A colaboração, quando acontece, é um bálsamo, um alívio para o peso da responsabilidade individual, mas

também um terreno fértil para desentendimentos e choques de personalidade.

Na vida, as batalhas assumem outra roupagem. São as metas inatingíveis, a competição acirrada por reconhecimento e ascensão. A vida, que deveria ser fonte de propósito e vitalidade, muitas vezes se transforma em um campo minado de pressões e expectativas. As dificuldades não são apenas técnicas; são emocionais, psicológicas. Lidar com a frustração que não avança, uma crítica injusta, uma inveja velada, exige uma resiliência que transcende a mera capacidade de vida.

As relações são um microcosmo da sociedade. Há os aliados, os mentores, os desafiadores e os adversários. A comunicação se torna uma ferramenta de poder, onde a palavra certa no momento certo pode abrir portas, e a palavra errada pode fechar caminhos. A empatia é um superpoder, capaz de desarmar conflitos e construir pontes, mas muitas vezes é sacrificada no altar da produtividade e da eficiência. As alianças tácitas e as disputas por recursos e atenção são batalhas diárias que consomem energia e testam os limites da paciência e da ética.

Em todas essas esferas, o ofício, seja ele qual for, é o que nos ancora. É a dedicação àquilo que fazemos, a busca pela maestria, a paixão que nos impulsiona a superar cada obstáculo. É o reconhecimento de que, apesar das batalhas e dificuldades, há uma dignidade intrínseca em criar, em construir, em contribuir. E é nas relações, por mais desafiadoras que sejam, que encontramos o espelho de nossa própria humanidade, a oportunidade de aprender, de crescer e de, paradoxalmente, encontrar apoio e solidariedade.

Assim, a vida se desenrola, uma crônica contínua de superações. Cada dia é um novo capítulo, onde as batalhas são travadas, as dificuldades são enfrentadas, o trabalho é realizado com a perícia do ofício, e as complexas teias das relações são incessantemente tecidas e retocadas. E é nessa constante interação que descobrimos a força para seguir em frente, a sabedoria para aceitar o que não pode ser mudado e a coragem para transformar o que precisa ser.

Pais trabalhadores não criam filhos para o vento | Fellipe de Assis Zaremba

Na nossa rua sem saída existiam dois tipos de gente: os adultos e os meninos que queriam virar adultos rápido demais.

Os adultos ficavam na esquina.

Nós observávamos.

Eles eram os Spiders.

Uma espécie de lenda do bairro. Ou da rua. Naquela idade, talvez fosse a mesma coisa. Homens mais velhos, alguns já trabalhando, outros apenas sobrevivendo, sempre reunidos perto do poste, falando alto, rindo, planejando balões gigantescos como quem planejava missões espaciais. E o líder deles era um anão. Isso mesmo. Um anão. O que, para nós, fazia tudo ficar ainda mais extraordinário.

Porque infância adora personagens.

E aquele homem pequeno comandava o respeito de todos.

Então decidimos criar nossa própria versão daquela glória suburbana.

Nasciam os Mini Spiders.

Éramos quatro moleques de apartamento, filhos de trabalhadores, estudantes do ensino fundamental, especialistas em perder tampa do dedão jogando bola na rua e em transformar qualquer tarde vazia numa aventura histórica.

Sabíamos tudo sobre balões.

Ou pelo menos achávamos que sabíamos.

Saquinho de folha, chinesinho, lanterna, maçarico, carrapeta, bucha, vareta, papel de seda, guia, colar estrutura, calcular vento. Hoje percebo que aprendíamos engenharia sem saber. Logística sem saber. Liderança sem saber. Gestão de crise sem saber.

Naquele tempo, a gente só queria ver o balão subir.

E quando digo subir, não é modo de falar.

Queríamos altitude.

Queríamos que o bairro inteiro olhasse para o céu e soubesse: “foram os Mini Spiders”.

Íamos até a Rua Dom Bosco comprar material. Três, talvez quatro quilômetros de distância. Mas para meninos pobres, aquilo era praticamente uma expedição internacional. Atravessar bairros era conhecer o mundo.

A cidade parecia enorme.

A infância aumenta todas as geografias.

Participamos até de campeonatos. Tínhamos álbum de figurinhas de balão. E lembro da emoção sincera que sentimos quando vimos um balão da turma dos Spiders aparecer ali, eternizado numa página colorida e plastificada. Era como se nossos heróis tivessem chegado à Seleção Brasileira.

Hoje penso que nós não queríamos apenas soltar balões.

Queríamos pertencer.

Queríamos crescer.

Queríamos ser vistos pelos homens da esquina.

Talvez toda infância masculina de bairro seja isso: um ritual silencioso de observação dos mais velhos.

A gente imitava o jeito de falar, o jeito de andar, o jeito de organizar as coisas. Achávamos que liberdade era aquilo: passar a madrugada montando balão e olhar para o céu esperando o vento decidir nosso destino.

Meu pai não via exatamente dessa forma.

Metalúrgico. Homem honesto. Trabalhador. Daqueles que demoraram a vencer na vida.

Mas injusto seria resumir meu pai apenas ao homem preocupado com o futuro do filho.

Antes disso, ele também teve seus voos.

Foi roqueiro. Sonhador. Daqueles jovens que acreditavam que a vida ainda podia acontecer em algum palco, em alguma música alta atravessando a madrugada.

Só que a vida chegou cedo para ele.

Perdeu o pai ainda novo.

Virou homem antes da hora.

Chefe de família antes do tempo.

Aprendeu rapidamente que sonho, para sobreviver, precisava dividir espaço com boleto, responsabilidade e comida dentro de casa.

Talvez por isso aquela cena tenha mexido tanto com ele: o filho correndo atrás de um balão pelas ruas do bairro.

Hoje penso que, no fundo, meu pai talvez não estivesse brigando contra o balão.

Talvez estivesse brigando contra o medo.

O medo de que eu também descobrisse cedo demais como a vida pesa.

Minha mãe carregava outro tipo de luta.

Ela se formou em Pedagogia depois do terceiro filho. Curso noturno. Cansaço acumulado. Ônibus. Casa. Filho. Trabalho. Estudo. Prova. Estágio. Tudo junto. Dessas mulheres brasileiras que caminham em marcha silenciosa sem nunca chamar atenção para o próprio esforço.

E nossa casa ainda aprendia outra forma de cuidado.

Minha irmã, especial, exigia da vida um tempo diferente. Um olhar diferente. Minha mãe dividia o coração entre livros, filhos, trabalho e a delicadeza permanente de aprender a cuidar sem descanso.

Foi alfabetizadora.

E talvez exista algo profundamente simbólico nisso.

Enquanto eu corria atrás de balões, minha mãe passava os dias ensinando outras crianças a decifrar letras, palavras e futuros.

Hoje penso nela observando tantos meninos iguais a mim.

Meninos inquietos.

Meninos que olhavam o céu.

Meninos tentando descobrir como existir no mundo antes mesmo de entender o que o mundo era.

Talvez ela enxergasse em outras crianças aquilo que enxergava dentro da própria casa: a imaginação tentando sobreviver à dureza da vida.

E talvez por isso meu pai e minha mãe reagissem de formas tão diferentes àquele menino correndo atrás de um balão.

Meu pai via perigo.

Minha mãe talvez visse infância.

Nunca vou esquecer o dia em que meu pai me viu correndo atrás de um balão.

A conversa que veio depois me marcou mais do que qualquer bronca teria marcado.

Hoje, adulto, entendo o medo dele.

Talvez, naquele instante, ele não estivesse vendo um menino correndo atrás de um balão.

Talvez estivesse vendo o risco do filho se perder daquilo que ele lutou tanto para construir.

Porque pais trabalhadores sonham estabilidade para os filhos.

E balões não permanecem no céu para sempre.

Mas nós éramos crianças.

E crianças precisam correr atrás de alguma coisa.

Uns correm atrás de bola.

Outros atrás de bicicleta.

Nós corríamos atrás do céu.

E talvez exista alguma beleza nisso.

Porque, no fim, aqueles balões também nos ensinaram sobre a vida.

Alguns caem.

Alguns queimam antes de subir.

Outros desaparecem tão alto que a gente perde de vista.

Mas existem aqueles poucos, raríssimos, que encontram o vento certo.

E vão embora bonitos, livres e silenciosos sobre a cidade inteira.

Talvez crescer seja descobrir que a infância era exatamente isso: uma tentativa desajeitada, colorida e bonita de aprender a voar.

A Arquitetura Invisível do Amanhã | Keyth Martins

Existe uma força silenciosa que molda o porvir, uma energia que transcende o tangível e se enraíza na essência da esperança. Não se trata de um poder místico ou de uma premonição, mas da convicção inabalável naquilo que ainda não se manifestou: os sonhos. É nesse terreno fértil da imaginação que se semeiam as primeiras sementes de um futuro que, para muitos, parece distante ou inatingível.

A beleza desses sonhos reside em sua capacidade de transcender a realidade presente. Eles não se limitam às fronteiras do possível, mas o expandem, desafiando a lógica e a inércia. São como faróis em meio à névoa, guiando passos incertos e iluminando caminhos que, de outra forma, permaneceriam ocultos. Acreditar neles não é um ato de ingenuidade, mas de profunda sabedoria, pois é a partir dessa crença que a ação se torna possível.

O futuro, portanto, não é um destino pré-determinado, mas uma construção contínua, erguida tijolo por tijolo pela persistência e pela fé naquilo que se almeja. Aqueles que o habitam com plenitude são os que ousaram sonhar, os que transformaram visões em projetos, anseios em metas. Não há espaço para a passividade quando se tem um sonho a ser concretizado; há, sim, um convite constante à movimentação, à adaptação e à superação.

É a beleza intrínseca desses sonhos que impulsiona a inovação, a resiliência e a busca incessante por um amanhã melhor. Eles são a matéria-prima da evolução, o combustível que move a humanidade para frente. E, ao final, percebe-se que o futuro não é apenas um lugar para

onde se vai, mas algo que se cria, a cada instante, com a força e a beleza dos sonhos que se carrega no coração.

Flores? | Érica Dallacort Marcante

É uma verdade universalmente aceita que pessoas que plantam flores nos pátios de suas casas as plantam para serem colhidas por todos. Hoje, voltando de uma não tão habitual — mais por falta de chuva do que de vontade — corrida na chuva, eu e Be — conhecida por ter ideias tão comuns quanto sair na chuva para correr — pensamos: “E SE, algum dia, sairmos colhendo flores dos pátios alheios para montarmos um buquê?!”. Já que, nas nossas conversas, o “algum dia” serve como um “vamos agora”, imediatamente mudamos de rota. Encharcadas de chuva e suor, fomos para as casas onde sabíamos, pelo costume de caminhar admirando os jardins, que estavam as flores mais bonitas.

Em cidade pequena, as flores são plantadas no lado de fora ou na beira das grades dos pátios — não que todos tenham grades, muito menos muros. Até causa estranhamento entre os vizinhos quando um grande muro é construído no meio da cidade, quando dois estranhos se encontram na rua e não trocam um “boa tarde” ou quando o jardim florido não é elogiado por quem caminha na calçada. Talvez por isso não pensámos que estávamos roubando as flores: elas foram plantadas exatamente ali para serem admiradas e até colhidas por todos.

A compra das mudas, o cuidado com a terra, o plantio na época certa — há quem diga que meses com “r” não são bons para o plantio de algumas espécies — e o cuidado com os insetos (in)desejados, que na verdade só tornam o processo até a floração mais encantado, constroem uma jornada que só se consuma no momento em que alguém passa pela

rua e, com a sensação de que está cumprindo uma função já preestabelecida, fala: “Que lindo está o seu jardim!”.

Minha avó até diz que as roseiras ficam mais bonitas quando ela dá as flores para quem ama...

Talvez pouco disso seja sobre flores, mas chegamos em casa, montamos o buquê, e a jornada de várias pessoas se consumou alegrando e colorindo a nossa casa.

A FOME QUE ME FEZ GAVIÃO | Willian Jhonis Antunes Melo

Agora, exatamente às 1h20min, na dita “calada da noite”, quando muitos e muitas repousam e tantos trabalham, quase como faço durante toda a semana, em dias de chuva ou sol, mas aqui pelas noites, às vezes frias e imensas, gastas pelo foco em ganhar o suficiente para a carne, o arroz e o feijão que sustentam, outros, atrás de uma libertina e breve felicidade, mexem e remexem seus corpos, sóbrios ou demasiadamente alcoólicos, aproveitando a transição de uma sexta-feira de labuta para uma noite que, nesse contexto, se faz pequena feito criança, abrindo caminho para um sábado finalmente livre, ou de meio período trabalhado, ou ainda de mais trabalhos domésticos, pessoais e íntimos.

E, entre esses distintos ou paralelos movimentos, avistam e sonham outra oportunidade de respirar espaços vibrantes ou plácidos, esses que desobedecem à obediência que algo ou alguém impôs no nascimento, por nascer no lugar errado, no tempo errado, com o sobrenome, talvez, impróprio, mesmo grafado com iniciais maiúsculas, substantivos próprios.

Essa alforria difícil, essa liberdade miúda, cara demais para durar, feita de breves goles e rápidas mordidas que deglutem um mínimo ócio, saciando a fome de fugir do pessimismo do impossível, esse ceticismo que nós, mortais proletários, sabemos ser sina até o fim da luta, da vida ou dessa forma de vida, quando observada in vitro, quase cientificamente, sem microscópios, apenas pelos sentidos, simplesmente se sente.

Sente-se! Sente-se, exclamo esse verbo transitivo direto, conjugando o sentir, mas convido você que me lê a também interpretá-lo como imperativo afirmativo: pare e atente-se, talvez entenda logo o que venho enrolando até aqui para dizer.

Enrolo porque o que venho bradar, por palavras digitadas nessa noite que de calada não tem nada, é denúncia grande, quase nacionalista, forte e retumbante, de um hino que não se canta em momentos cívicos, mas em momentos vividos por nós, alguns vários brasileiros e brasileiras. Uma denúncia que nasce de uma vida, não qualquer uma, a que move minha carne, mas que, por infeliz indução, também atravessa outras carnes, outros corpos de açougues existenciais, baratos e sempre à beira da putrefação.

Os mais atentos e as mais atentas já percebem algum delineamento do desenho que tento esboçar, sem lápis, giz ou carvão, usando apenas palavras. Uma realidade que quero descrever, criticar e poetizar, poesia que, desta vez, não busca indicar beleza textual ou aclamada apreciação, mas se vale do gênero literário como sentimento palatável, mesmo que quase repulsivo por sua substância literal ou semântica.

E aqui faço sem pressa, porque foi tão lentamente esquecida que exige cautela respeitosa para reavivá-la. Memória de infância sabida no inconsciente, sentida pelas cicatrizes do intestino, reforçada por narrativas maternas e rememorações que, na ótica adulta, ganham sentido de conjunto, unidades que, quando reunidas, somam um universo, este de existência, esse de desventuras de sobrevivência, através e a partir de uma ânsia, não de vômito, quase diria, mas apenas de vida, que insiste em seguir de pé.

Universo de uma recordação que só renasce devagar, como águas pré-históricas correndo em leitos longínquos, que exigiriam o esforço de um peixe destemido da piracema amazônica para voltar, mesmo que

esse desenho não tenha nascido na Amazônia Legal, minha morada nortista, mas sim no interior do Sudeste, Espírito Santo, nada divino, mas quase uma terra sacra, que canoniza os que dela brotaram e cresceram.

Se sou feito de recortes, costurados com linhas invisíveis, todos eles, até então, se fizeram em interiores, em margens, nos diferentes cardeais que situam as extensões territoriais deste país, em diferentes vivências desorientadas.

Sem mais delongas, ainda que elas retornem pelo teor deste conteúdo, pego a ponta do fio da minha memória e tento desamarrar essa corda que segue me sustentando acima de espinhos, pedras lascadas, facas, essas metáforas que partem do natural remoto da humanidade ao neolítico, da natureza à tecnologia da sobrevivência, ferro com o qual se forjam ferramentas de luta.

Transiciono, tensiono, passo do movimento da digitação aos remotos períodos da raça humana. O desenho que faço, nesses riscos iniciais, é também isso: alguém que olha o próprio passado e percebe transições e analogias tão significativas quanto as que referencio.

Realidades tão nativas quanto a Amazônia, a botânica que floresce ao meu redor enquanto escrevo, ainda que eu não escreva sobre esta época e espaço situados, parecem fazer mais sentido do que um dizer lacônico. Adiciono, ainda, nesta gama de referências e paralelismos comparativos, a fauna nativa, feroz e brava, pois essa sim habita o centro desta proposta de relato desnudo, ou vestido por longos devaneios e rodeios.

Neste devaneio inicial, quase como conversa com autoridades que geram receio e medo de não ser entendido, as palavras que tento

empregar para subsidiar esta narrativa quase produzem o contrário. Nisso tudo, munido da cultura que cresce socialmente com meu ser, pessoal e social, uma música impregna meu itinerário oral, ouvida agora mesmo: “Como beber dessa bebida amarga?”, “Melhor seria ser filho da outra, outra realidade menos morta”.

Por bebida amarga, falo do conteúdo incipiente que preenche o recipiente esculpido por minha realidade, que hoje é menos morta apenas graças ao renascer de algo, algo indefinido gramaticalmente, porque, visto de longe, pensar no dentro já habitado resulta em extensiva alegria de saída, mas também indignação: “Como possível?”, “Quando passou?”.

Muitas respostas estão em outros textos que talvez eu ainda escreva, sólidos e barulhentos nas ideias, tortuosos na forma que deforma, esperando para nascer, ou criar forma, para fora da mente, em madrugadas, dias claros, tempestades, ônibus e corredores, solitário ou entre o caos de pessoas que vêm e vão a algum lugar certo pelas incertezas que compõem o bando retirante das camadas sociais, dos lençóis que são postos nas camas que não se fazem descanso, mas leito de vida, de recuperação, de pausa, recargas forçadas para um novo levantar, seguido por novas caminhadas.

Esse dentro, já visto e vivido, ainda é vivo, porque a vida buscou crescer e expandir-se a partir dele, como caule frágil que se tornou espesso, tronco que ainda está de pé. E, crescido por força talvez sobre-humana, humanamente herdada pela maternidade solitária, ou melhor, pouco assistida pelo ar paternal, fortaleceu-se e saiu de um doloroso dentro existencial.

Hoje, esse dentro é memória de luta e sobrevivência, como gaviões que voam acima da terra, sob a luz do sol pleno e perto das nuvens.

Seríamos nós gaviões? Se adoto Hipócrates, que diz que somos o que comemos, e alinho uma literalidade ao conceito, talvez sejamos. Sejam muitos ou talvez poucos.

Seja como for, conheço três que se imbricam a esta narrativa: duas meninas e um menino que compartilham genes, sobrenome e o mesmo pó vermelho e árido que já sujou os calcanhares, que já foram gaviões e talvez ainda sejam.

Pensando no presente, ser gavião, figurado, representa força, percepção aguçada, coragem, proteção, liderança e liberdade, pois hoje, crescidos e na vida adulta, conquistam esferas, espaços de sobrevivências simbólicas e materiais.

No passado, ah, o passado, esse crítico momento dos pobres pequeninos, somos o que literalmente comemos: um gavião, pois foi o que encheu uma panela aquecida à lenha, a escolha dentro de uma finita restrição. Exótica carne, uma única opção em um recorte específico da vida, felizmente finalizada em uma única ocorrência, mas, se o destino, azarado e impiedoso, fosse ainda mais sádico, poderia ter sido recorrente e, inocentes, sem sentir o preço ou o peso dessa realidade, apenas gratidão existiria, incoerente, criticável, infeliz, mas ainda assim agradecida diante da obrigação de crescer, de rasgar alimento para sustento, mesmo que longe do suficiente para a nutrição.

Benditas, então, as frutas nativas e domésticas, crescidas ao redor do barraco, que, em ânsias por mastigadas suculentas, goiabas, bananas, jambos, jamelões, jacas, mangas e jenipapos, substituíram ossadas

baratas e carnes perigosas, oleosas e temperadas com ervas da terra, colhidas no fundo do terreiro, que saciavam a curiosa fome infantil e lambuzavam lábios receosos, porém carentes.

Belas as criaturas que puderam se lambuzar de seguranças alimentares, de faunas e floras conhecidas por quem não precisou conhecer o preço incerto da vida alimentada pela caça, pela coleta, pelas roças.

Ossadas baratas, restos que ninguém paga, mesmo as de açougues sanitizados e certificados, ainda são caras demais para os das pontas, dos interiores, do mato, das margens. E, por isso, a segunda opção diante do gavião, que já disse aqui, é a denúncia de um real passado que, bem passado, foi digerido, inocente diante da indecente sina.

Este é o desenho que fiz: de memórias, do que foi contado, do que foi concebido, o quadro cru, ou cozido, de um sobrevivente, de uma ossada também barata e selvagem, que, com os anos que se somam à vida, se tornou mais cara e domesticada, eternamente marcada, sem romances, sem martírios, apenas com consciência confluyente e orgulhosa, não com soberba, mas com a percepção do passado, da força adquirida, e de novas ossadas que agora, caudalosas, succulentas, bem temperadas por boas especiarias, não originadas do mato barato ou do que a natureza oferta, silenciosa, como consolo aos que dela nasceram, mas do que a dignidade do trabalho finalmente pode pagar, escolher, a gastronomia de um brasileiro vivo e insurgente.

Volto ao meu cenário presente de escrita e acendo a luz, quebro esta penumbra textual dizendo que nada há de bom, nesta calada da noite, em gritar dietas depenadas e ensanguentadas que nutriram sob incerteza de

fim, de fome, de vida. Mas, por ser memória remota, não faz mal lembrar, ainda mais se lembrar faz pensar, e pensar faz apreciar o banquete de hoje, que enche vida e barriga. Ainda não farto, talvez nunca, mas, de longe, melhor que o barato de antes, quando não havia escolha, ou apenas poucas frações.

O gavião que voou e caiu por um estalo de espingarda, para cumprir uma função que idealmente não lhe caberia, enchendo uma panela suja de carvão, é a memória. E essa memória nos deforma, como gaviões residuais de uma exótica dieta do interior do interior, que agora expande corpo, voz, ser destemido, convicto, não invicto, potente pelo que já viu, ouviu e sentiu.

E é justamente dessa memória, dessa panela aquecida à lenha, dessas frutas que salvavam dias inteiros, desse pó vermelho e capixaba, colado nos calcanhares, que se ergue o sujeito que sou hoje, professor, pesquisador, sobrevivente.

A fome que nos fez gavião não ficou presa ao passado, acompanha-me quando entro em sala de aula e encontro estudantes que, muitas vezes, carregam no olhar o mesmo vazio que um dia me acompanhou. A fome que me fez gavião também me fez professor.

Não porque romantizo a miséria, mas porque aprendi, no osso, o que significa não ter escolha, ou ter poucas escolhas representadas por insuficiências equivalentes.

Hoje, quando entro em sala de aula, carrego essa memória como lente. Quando vejo um caderno em branco, suspeito de uma barriga vazia. Quando ouço um tumulto, imagino um quarto apertado, um barraco

lotado, um trabalho infantil silencioso, isso é o que vezes ou outras antepõe a difícil “indisciplina” de algumas salas de aula.

Por trás de um olhar disperso, pode haver o peso de saber que não há o que comer mais tarde, uma perspectiva poluída de um futuro incerto, moroso e distante.

Se hoje consigo olhar o banquete atual com gratidão crítica, sabendo que, se como melhor, não é por merecimento isolado, mas por sobrevivência, também consigo afirmar, em voz firme, que essa história não é troféu individual, é sintoma coletivo. Sintoma de um país que ainda permite que crianças comam gavião, literal ou metaforicamente, enquanto outras escolhem cortes nobres em prateleiras refrigeradas de açougues sanitizados e certificados, o que simboliza o privilégio de quem nunca precisou negociar ossadas baratas.

Por isso escrevo, por isso ensino, por isso insisto. Porque a mesma noite em que denuncio a dieta depenada do passado é a noite em que preparo, em silêncio, as aulas de um amanhã. Aulas em que a matemática, às vezes, serve de verniz para algo maior: a tentativa de dizer aos meus, às minhas, que ninguém nasceu para se contentar com ossos baratos, que a fome que nos fez gavião pode, também, nos fazer voar mais alto do que o destino nos prometeu.

É a partir dessa memória, dessa carne improvável e dessas ossadas baratas, que me penso hoje, professor, pesquisador, sujeito que escreve e se escreve.

Nasci em um lugar onde o horizonte parecia terminar em cercas, lavouras e poeira vermelha. O mundo, por muito tempo, se resumia ao que

eu via do terreiro de casa e às histórias que minha mãe contava entre uma panela e outra, entre um faxinão e um silêncio pesado.

Era o interior do Espírito Santo, um recorte do Brasil que raramente aparece nos mapas afetivos do país, mas que insiste em produzir gente que resiste calada, comendo o que dá, trabalhando onde deixam, sonhando quando sobra tempo.

Ali, a infância não era categoria abstrata, era barriga roncando, pé rachado, roupa herdada e uma certa alegria teimosa de quem inventa brincadeira com pouco. O corpo aprendia cedo a geografia da escassez, a medir distâncias entre o mercado e o fim do dinheiro, entre a lata de banha e o fim do mês, entre o que seria idealmente alimento e o que de fato podia ser colocado na panela, saído da cozinha que representava um laboratório de sobrevivência.

Foi nesse cenário que o gavião entrou na minha história. Lembro de fragmentos, mais do que de um filme contínuo. Uma fala solta, um comentário sussurrado, uma narrativa que se repetia em alguns almoços, como quem ri da própria tragédia para que ela não engula a casa inteira.

Faltou carne, faltou dinheiro, sobrou fome, essa é a matemática da vida, que também ousa tentar ensinar, mesmo que, nas equações ensinadas, as tristes variáveis que aqui apresento fiquem implícitas, para que meus aprendizes não sucumbam ao doloroso real vivido, que os preparo para enfrentar de pé, com lógica, na resolução de problemas mais reais que os desenhados nos livros escolares, conhecidos apenas pela dura didática da vida.

Em alguma dessas tardes de aperto, meu pai apareceu com um gavião abatido por um certo tiro, de uma refeição incerta, ou apenas

aceitou o que o destino bruto ofereceu, muito cansados de apenas abóboras como dieta, no café da manhã, almoço e jantar, fartas nos ramos, espalhados no fundo do quintal.

O fato é que o animal, que deveria estar sobrevoando lavouras, circulando alturas que eu só via com o pescoço esticado, caçando, não a caça, foi parar dentro de uma panela, temperado com o que havia, servido sobre um prato comum.

Naquele momento, eu não sabia que aquilo era grave. Criança, eu comia o que me davam, agradecia, mastigava, lambuzava os lábios. Anos depois, a cena volta com outra densidade, pois a criança sente a inocente fome e o adulto entende a injustiça.

Penso na frase de Hipócrates, penso nas teorias sobre classe social, penso nos gráficos da fome no Brasil, penso na indignação que hoje ensino em sala de aula, quando falo de desigualdade. Penso, sobretudo, que a carne de gavião, naquele dia, não foi apenas a proteína que sustentou, como deu, meu corpo, foi um traço substancial que nutriu minha identidade.

Se sou o que comi, então trago no corpo um pouco daquela ave. Trago o voo que ela não deu, o tiro que a derrubou, a negociação que a transformou em comida barata. Trago também a culpa que não era minha, a culpa de um país que empurra seus pobres a comerem o que seria impensável em outros bairros, outras famílias, outros sobrenomes.

Com o tempo, mudei de território. Saí daquele interior, atravessei estradas, retornei ao meu chão de nascimento, chão amazônico, à Rondônia, a outras margens.

Levei comigo a memória da panela de gavião, mas levei também o gosto das frutas que cresceram ao redor do barraco, quase como quem recolhe uma graça caída do céu. Essas frutas, mais do que o gavião, garantiram que o corpo não desandasse de vez. Foram elas que muitas vezes substituíram ossadas baratas, trouxeram doçura às tardes, deram alguma sensação de abundância no meio da falta.

Quando cheguei à escola, primeiro como estudante, depois como estagiário, depois como professor, percebi que aquela experiência de fome não tinha ficado para trás. Ela me acompanhava, silenciosa, quando eu via estudantes chegarem sem café, sem lanche, com o olhar vazio de quem está presente, mas não está.

Ela se manifestava quando eu esbarrava em merendas minguadas, em políticas frágeis, em discursos que culpabilizavam famílias inteiras por um cenário que é estrutural.

Ao narrar esse episódio da minha trajetória, não quero transformá-lo em troféu de superação. Não preciso de medalhas por ter comido gavião. Quero, sim, que ele seja compreendido como sintoma. Sintoma de uma sociedade que aceita que crianças comam aves de rapina para sobreviver, enquanto, reafirmo, outras escolhem cortes nobres em prateleiras refrigeradas.

Sintoma de um país que naturaliza que a periferia invente sua própria culinária de urgência, enquanto mantém intactos os privilégios de quem nunca precisou negociar ossadas baratas.

Hoje, quando me sento à mesa, seja em casa, seja em um restaurante, onde quer que seja, sei que a comida que tenho não é mera recompensa pessoal, nem prova de mérito individual. Ela é resultado de

um conjunto de lutas, de políticas falhas, de acasos e decisões. Ela também carrega a memória de todos os pratos que não tive.

Em cada garfada, há um diálogo silencioso com aquele menino que um dia comeu gavião sem saber o que isso significava e representava para o todo social, para além da minha incipiente bolha. Aqui, escrever é, de certo modo, devolver a ele alguma justiça.

É dizer, olhando para trás, que não foi normal, não foi aceitável, não foi “bonito”. Foi o que foi: fome. E é a partir dessa nomeação que posso, hoje, como pesquisador e professor, erguer uma postura política diante da minha realidade e da realidade dos meus estudantes.

Não posso impedir que o mundo lhes ofereça gaviões, metafóricos ou não, mas posso, ao menos, ajudar a nomear a violência, abrir fissuras no discurso do destino, insistir na ideia de que ninguém nasceu para se contentar com ossos baratos.

A fome que me fez gavião marcou minha carne, minha visão de mundo e minha docência. Ela não me define por completo, mas explica muitas das escolhas que fiz: estudar, ensinar, pesquisar, escrever, denunciar.

Talvez eu nunca alcance um banquete farto, definitivo e tranquilo. Talvez essa sensação de “ainda não é suficiente” me acompanhe sempre. O que sei é que, enquanto houver memórias como a minha se repetindo em tantas casas, barracos, moradas humildes espalhadas pelo país, o trabalho de lembrar e problematizar continuará sendo, também, um ato ético de sobrevivência, docência, insurgência.

Em suma, termino aqui realçando que esse recorte, dito como suspiro e denúncia, corresponde a um dos marcos constitucionais da

minha contemporânea identidade, a que hoje se ornamenta colorida por leques, sol no peito e inúmeros rabiscos na derme, como pinturas rupestres que, primárias ao verbo, retratam elementos da realidade física e abstrata, autêntica por sólidos discursos e atitudes, curiosa e insistente entre sorrisos, caras e bocas, retrato de uma amada casca dissidente, melhor vestida, limpa, nutrida, inteiramente com a cabeça erguida, que, a espectadores desatentos e distantes, pareço, talvez, nunca ter conhecido a brava e áspera terra seca, pelos meus pés descalços, pelo pouco, pela fome de crescimento, de comida e de mundo, pela sede da abundância negada ao nascer e reivindicada pelos números que me dão sentido e me fazem sentir, enquanto vivo e danço entre as salas de aula que decido entrar, com quadros cheios e discursos, pelos bailes da noite, ao som de rock, forró, sertanejo e funk, nos bares pacatos e pouco iluminados, alcoólicos e rodeados por queridas e queridos agregados aos itinerários formativos de uma vida, nas cidades em que decido ficar, até que novos códigos de endereços postais se mostrem mais frutíferos ao meu existir, no vasto mundo que ousou conquistar.

Pois sou pássaro, sou gavião, sou um menino que ousou sobreviver e superar, enquanto também ousou inspirar, ensinar e transformar, como professor de Matemática que faz sua profissão com números e letras, letras que são incógnitas, que formam expressões algébricas e também poesia, palavras e discursos, que transformam vidas, como a minha e a de outros e outras, como a de quem talvez precise, assim como eu precisei, de um empurrão, de um véu rasgado pela ética docente transformadora, pela educação, e da certeza de que posso, devo e preciso gritar, arriscar, enfrentar, contornar e continuar, na disputa da vida, significar mais

motivos para sorriso do que para choro, ou que o choro, inundado por lágrimas, corresponda à força necessária para seguir de pé, melhor do que ontem, maior do que antes, hoje crescente, mas menor do que poderei ser amanhã.

Imagens 1 e 2: Uma família que aprendeu, desde os anos iniciais da vida, a alcançar o sustento básico com pouco e, de todo o muito, compartilhar afeto e amor, e ousar sorrir para o mundo. Aqui, mesmo com as incertezas da vida, uma vida que tanto nos perpassou sem piedade, já sabíamos que tínhamos mais motivos para sorrir do que para chorar, pois tínhamos uns aos outros. Aqui, antes de Lolo nascer, a quarta irmã, éramos apenas minha Mainha, Piti, Isa e eu, o Jhonin, como carinhosamente nos reconhecíamos.



Nego | Samuel Moraes

Terra estranha e arrasada, lugar onde aprenderia a conviver com a figura que, ao seu lado, fazia uma sombra sem luz. Ela aproveitava a liberdade no espaço da cena para bailar solta. Trajada num vestido comunitário cintilante que brilhava em lua cheia de notícias populares.

Naquele ambiente, ele passava despercebido e depreciado. O relógio do tempo havia parado e retinia um “tic-tac” ensurdecedor. Seus ponteiros não indicavam qualquer indício de auxílio ou solidariedade, servindo apenas como o marcador da existência.

Do torrão de onde viera, ficara o gosto inocente da infância. Sentia saudade da quentura de Mandacarú. Lá, os avós lhe diziam que fome, tristeza e solidão eram coisas do sertão. Isso somente quando o solo tornava-se árido, murchando o fruto da semente: daí se ouvia o choro. Ainda assim, mesmo num duro semblante para o alto, contavam com a união de um povo que dividia as suas preces com um pedaço de rapadura. A ele, o conto servia apenas como história dos antigos.

Nascera na Capital paraibana, saudoso refúgio duma refrescante chuva na porta de um sol abrasador. Mas agora, estava ali, no início de sua púbere idade, morando numa Terra da Garoa de ninguém, totalmente entregue ao maldito frio de deus-dará. Vivendo numa Selva de Pedra, erguida sob a névoa do medo da “morte que pairava entre becos e barracos” cercado pelo cangaço da modernidade.

Entorpecido pela fome, deitou-se numa tábua e cochilou. Num estado inconsciente, usou depuradamente os sentidos e pôde ouvir o

ganido de cães famintos, salivando o amargor da morte. Inspirou. Expirou. A cada renovo de ar que percorria seus pulmões, deixava em seu olfato o fedor de ser, de estar e de permanecer esquecido. Ninguém dali merecia aquilo.

Deitado sob frios raios fúlgidos, sentiu seu rosto levemente umedecido. Abriu os olhos e viu cães e gatos ao seu entorno. Ainda fraco, ergueu o peito e assentou-se. Olhou rapidamente ao redor e, mais uma vez, escondeu-se dentro de si junto ao amontoado de paus, pregos e resto de madeira de construção. Perturbado, levantou-se e passou a correr atrás dos pequeninos animais.

— Gatinho! Xchiu, xchiu, xchiu, xchiu, xchiu.

No recorte enfeitado na janela da maloca ao lado, uma TV encenava ruído em manchetes de jornais. Alguém aparecia de paletó em horário de sorriso nobre e amarelo-enferrujado. Outra chacina na comunidade: tiros e disputas por território. O incêndio devorou parte da favela: moradores removidos para a Santa Casa da Misericórdia. A maior apreensão de drogas do ano: investigações levaram o departamento de narcóticos a estourar mais uma “boca de fumo”.

Telespectadores bebiam risos secos entre goles amargos no boteco da esquina: zombavam da própria sorte. Quase todos assistiam, satisfeitos, a mais um reclame no intervalo comercial. Era a paga do alto preço da indiferença do progresso social de se ter luz e água gratuitas, ao valor de nada. Gratuito não, nunca ninguém lhes dera algo de graça. Engenhosos, eles faziam um “gato” com fios, tubos e conexões que os

mantinham antenados e engajados com a torcida do Timão e, por ora, com as canelas limpas e os cabelos lavados.

Enojado com o alagamento do córrego do Tietê, ele sentiu o gosto de saneamento básico temperado com a farinha do tráfico. Lembrou-se que à noite, abraçaria os seus irmãos para conter o frio. Conforto. Era o único momento em que podia sentir o aconchego do calor humano. Por mais que relutasse as aproximações, de junho a agosto, sentia-se aquecido. Noutro instante, seria nos banhos com gélidas cuias, com o pouco d'água que sobrara na cisterna: buscava aquecer o corpo aos saltos inflamados. No relento molhado, cantarolava sozinho a canção que tinha aprendido durante a semana no “jogral social”:

— *“Ouviro um Inpiranga as margins pracidas. Dum povo éroico e bravo e recumbante”.*

Aquela era a canção que lhe fazia crescer impávido e colosso; enquanto compartilhava a existência, tempo e movimento num cubículo que mal conseguia oxigenar suas traqueias. Assistia simultaneamente à realização das necessidades fisiológicas diárias de todos. Insanidade social. Sorria escondido em meio àquela cadeia de horrores. Às vezes, brincava de ser cachorro ou, mesmo, gato. Tentava ser criança; precisava sê-lo para não enlouquecer como os outros homens.

— Fiui. Fiui. Fiui. Au. Au. Au. Au.

Durante muitos anos, ainda teria o mesmo sonho defensivo. Quase sempre, ele mesmo abria uma vala na sala para enterrar seu agressor. Acordava na calada da noite, com as sirenes da polícia à sua porta.

Houvera uma denúncia anônima da legítima defesa. Pediam para averiguar o recinto, e era descoberto cimento fresco debaixo da mesa. Desenterravam o defunto, mas ele nunca conseguia ver direito o rosto daquele que tentava tirar-lhe a vida rotineiramente. O sono era interrompido pelos disparos das madrugadas reais.

Na última vez que sonhou com aquela aberração, sua mente já não pertencia mais àquele território. Não era mais inocente, tampouco menino e não entendia porque ainda sonhava com aquilo. Ainda assim, um policial ordenava que abrisse a cova de seu tormento.

Ao exumar o defunto outrora coberto de barro, viu a imagem que encerraria em definitivo aquele *déjà vu* juvenil: era ele mesmo soterrado no buraco que cavava.



POESIAS

Câmera Antiga | Caio Ayres Frederich

Sobre a antiquada escrivanhinha, ao canto,
Entre inúmeros papéis e recortes de jornais,
Discreta estava, para o meu espanto,
A máquina que eternizou momentos especiais.

Empoeirado, o fole ainda conservado,
Em seu corpo rígido notei
O nome de seu senhor gravado,
O mais, de longe não captei.

A câmera já não servia de ornamento,
Quem por ali passava não a percebia,
Ali jazia, entregue ao esquecimento,
Utilidade alguma já não possuía.

Apesar de esquecida, ali permanece,
À mercê do olhar de seu possuidor,
Que, na bela paisagem, encontre interesse
E, em luz, perpetue o instante, com fulgor.

ALANA ROSA | Rafaela Thais Gomes Teixeira

Ela disse não.

Tão curto,
tão inteiro,
tão educado,
tão dela.

Mas o mundo,
que aceita números,
não aceita negativas.

“Não” virou notícia,
Notícia virou número,
Número virou rotina.

Mais de quinze facadas, reportaram.
Mais de trinta, corrigiram depois.
Como se a precisão da lâmina
importasse mais
que o corte da recusa.

Ele não aceitou o “não”.
E o jornal, idem:
prefere “crime passionai”,
como se paixão fosse faca,
e não desculpa.

Ela disse não,
e o não virou nó.
Nó na garganta da mãe,
nó no texto do repórter,
nó na estatística que cresce,
como se fosse normal.

Normal:
palavra que anormaliza a dor,
que reduz sentimentos,
que diminui mulheres.

POETIZAR

Invadiu a casa,
invadiu o corpo,
invadiu o direito de negar,
e tentou invadir o direito à vida,
mas, emotivas são as mulheres.

E ainda perguntam:
“por que não saiu antes?”
Como se o perigo tivesse porta,
e o medo tivesse aviso prévio.

“Era só um admirador”, dizem.
Admiração que fere,
afeto que perfura,
amor que mata,
ou melhor:
não era amor.
Era posse com verbo bonito.

O “não” dela
foi tratado como erro de pronúncia,
como se mulher tivesse que conjugar
sempre no sim.

Sim, sorri.
Sim, aceita.
Sim, suporta.
Sim, cala.

Mas quando ela disse não,
o mundo respondeu com aço,
o que importa não foi o ato,
mas o que ela fez
para justificá-lo.

Em mundo de proteção masculina,
O que interessa

Não é a barbárie do homem,
Mas a escusa que ele fornece.

E amanhã,
outra manchete dirá
"mais uma".

Mais uma...
menos uma.

Porque a matemática da violência
é essa conta cruel:
transforma vidas em dados
e dados em silêncio,
e deixa vítimas em lápides.

E no fim,
o mais bárbaro
não é só a faca.

É o costume,
de ler isso tudo
como se fosse
apenas mais uma linha
no rodapé do dia.

É saber
que amanhã
terá uma nova história
porém, repetida.

O Suspiro da Natureza | Jefferson Oliveira de Paula

Eu não aguento mais
Não posso, não devo e não quero
Fingir que nada está acontecendo
Eles estão me matando e me destruindo
E a vida que há em mim está perecendo

Em tudo lhes ajudo
De mim aproveitam tudo
Ouro, prata, diamante, nióbio, petróleo,
Fauna, flora, água, solo, fogo, ferro e mais
O ar que eles respiram

Ao invés de me agradecerem
Me presentearam com a morte
Ao invés de me protegerem
Me assassinaram com um corte

Eu sou natureza
Sou a força criadora e moldadora da Terra
Sou bonança, mas também sou tempestade
Sou água, mas também sou fogo
Sou frio, mas também sou calor
Sou a Lua, mas também sou o Sol

Eu não suporto mais
A humanidade fingir que nada está acontecendo
Vivem na “normalidade”
E na “normalidade” eles próprios estão perecendo

Antinomia | Enver Sampaio

Quero a delícia dos teus gestos mais simples
Do brutalismo de um coração fechado
O dualismo do teu ser
A muralha que o tempo, paciente, entrega
Da tua casca dura
Espera que tanto dura
No fio do tempo a se desfazer
Te assisto calado
Amando sem dizer nada
Fitando os contornos do teu cerne
Saltam as maçãs do rosto, verde
Percorro teus olhos de menina
Que brilha feito estrela a tua retina
Vem à mente um universo a se embaralhar
Já na boca, o gosto maduro
E a leveza dos lábios a me tocar
Por entre os dedos, teu cabelo
Cheiros a se misturar
Velhos conhecidos, tão amigos
A se apaixonar
De guarda baixa e peito aberto
À frente, um abismo
E um sorriso a me acompanhar

A Minha Pele é Ribeirinha | Gabrielli Antonucci

(por Gabrielli, uma filha do rio e da resistência)

Nasci nos igarapés,
sentindo a força da floresta em meus pés.
Com coragem eu segui,
até chegar na missão de salvar vidas e construir
um legado onde eu fosse voz e conseguisse
transformar os nós.
Encontrei na justiça social
uma forma racional,
de afeto no meio abandono,
algo que me tirava o sono
No conselho eu ganhei vida,
e através dos medicamentos, eu salvei outras vidas
Fui mulher em vários cenários,
gritei “acesso” como no dicionário.
Sou conferencista, facilitadora,
amazônida e evolucionista.
No Participa, eu formei cidadãos,
No Integra, plantei inspiração.
Carrego a força de quem não recua,
que com informações e ciência salva e cura.
Minha missão? Fazer valer o direito
de um povo inteiro que merece respeito.
Se me perguntam de onde eu venho e o porquê,
eu respondo com orgulho e luz:
Sou Gabrielli, do Controle Social,
sou SUS.

A lâmina e o tempo | Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli

Uma faca que golpeia a professora
manuseada por estudantes adolescentes que, segundo se noticiou, não
estão no tempo certo para a série cursada...

Tempo...

Que tempo é este em que vivemos?

Que tempo têm os professores para ensinar?

Tempo de cumprir tarefas,

tempo da falta de tempo das famílias

tempo sem-tempo para nada mediante o tudo que pesa nos ombros

tempo que apunhala as horas, os dias, os sonhos e os brios

tempo que se investe no tempo perdido com tarefas que apunhalam o

tempo de ensinar e aprender

tempo que se perdeu e já não volta daqueles que chegam para a escola
fora de tempo.

Apunhalou-se a professora!

A faca feriu-lhe o corpo.

No fato feriu-se a alma

de uma docente

de um corpo docente

de uma sociedade imprudente

de um tempo indecente

que não perdoa a ninguém.

Tempo...

Que tempo têm os estudantes para aprender

que escola é pra ser vida

que escola é pra ser templo

que escola é pra ter tempo

que escola é pra ser vi-vi-da

que escola é não pra morrer

tampouco pra se fazer morrer.

Tempo...

POETIZAR

Qual é o tempo da sociedade aprender
que professor não é latrina do mundo
não é recipiente em que se despejam culpas de verdades inconvenientes
das
negligências que os fatos insistem em evidenciar.
Que se a escola recebe a todos,
os no tempo,
os fora-de-tempo,
os sem-tempo,
já passou do tempo de saber
que uma sociedade que não (se)re-conhece
e não cuida de quem ensina e de quem aprende
apunhala a todos
mata irreversivelmente o tempo
sangrando um mundo
sangramos todos
morrendo aos poucos
sob a lâmina da falta de esperança.

Somos todos Thaís!
Somos?
Todos?
Thaís?

Até a próxima leitura

Chegamos ao fim desta edição, mas não ao fim das histórias, das poesias e das reflexões que elas despertam. Que as palavras aqui encontradas permaneçam ecoando para além destas páginas, inspirando novos olhares, sentimentos e criações.

Agradecemos aos autores que compartilharam seus escritos, aos leitores que dedicaram seu tempo a esta leitura e a todos que contribuíram para a realização desta edição.

Nos reencontramos nas próximas páginas da *Poetizar*.

Equipe Editorial da Revista Poetizar

UFES – Julho, 2026

